



Lisbon School  
of Economics  
& Management  
Universidade de Lisboa

**MESTRADO EM**  
**ECONOMIA INTERNACIONAL E ESTUDOS EUROPEUS**

**TRABALHO FINAL DE MESTRADO**  
**DISSERTAÇÃO**

**COOPERAÇÃO BILATERAL CHINA - NIGÉRIA, RELAÇÃO WIN-WIN OU  
ASSIMÉTRICA?**

**MATILDE PINÇÃO TIMÓTEO**

**OUTUBRO - 2023**

**MESTRADO EM**  
ECONOMIA INTERNACIONAL E ESTUDOS EUROPEUS

**TRABALHO FINAL DE MESTRADO**  
DISSERTAÇÃO

COOPERAÇÃO BILATERAL CHINA - NIGÉRIA, RELAÇÃO WIN-WIN OU  
ASSIMÉTRICA?

MATILDE PINÇÃO TIMÓTEO

**ORIENTAÇÃO:**

PROFESSOR DOUTOR MANUEL ENNES FERREIRA

OUTUBRO – 2023

## **AGRADECIMENTOS**

O agradecimento é uma oportunidade de mostrar o apreço que tenho às pessoas que contribuíram para o meu percurso académico.

Ao Professor Manuel Ennes Ferreira, por ter sido um exemplo notável de excelência académica. Há professores que marcam a vida de um estudante e é com enorme gratidão que me irei recordar de si.

À minha família, em especial aos meus queridos pais, que sem eles nada disto seria possível. Obrigada por todo o apoio, dedicação e amor - foi uma longa jornada. Ao meu marido por ser o meu suporte todos os dias e ao nosso filho, João Francisco, que vem dar cor ao nosso ano 2023, e que sem ainda estar nos meus braços me fez querer ser mais e melhor. Por último, à minha avó Filomena, que mesmo de longe me tem orientado à sua maneira.

## **GLOSSÁRIO**

CECC – China Civil Engineering Construction Corporation

CSS – Cooperação Sul-Sul

EUA – Estados Unidos da América

FOCAC – Fórum de Cooperação China-África

IDE – Investimento Direto Estrangeiro

NAM – Movimento dos Não-Alinhados

NIEO – Nova Ordem Económica Internacional

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

OFI – Oil for Infrastructure

OMC – Organização Mundial do Comércio

OMC – Organização Mundial do Comércio

OPEP – Organização dos Países Exportadores de Petróleo

PIB – Produto Interno Bruto

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

RPC – República Popular da China

TCDC – Technical Cooperation among Developing Countries

UNCTAD – Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento

USD – Dólar Americano

## RESUMO

O Investimento Direto Estrangeiro desempenha um papel importante no desenvolvimento económico de África. Os setores que geralmente atraem mais IDE estão relacionados com recursos naturais como o petróleo e o gás. Na Nigéria, é de longe o setor mais importante, onde empresas petrolíferas estrangeiras operam extensivamente no país, explorando petróleo bruto e gás natural. A Nigéria tem recebido investimento de alguns países mas a China tem sido um investidor de grande destaque, envolvendo-se em projetos de infraestruturas à procura de retorno financeiro e estabilidade energética, uma vez que a China é dos maiores consumidores de energia do mundo. Estes investimentos permitiram um crescimento exponencial no comércio bilateral, no entanto, existem preocupações de que estes empréstimos possam gerar uma armadilha da dívida. Apesar de a Nigéria ser considerada a primeira economia africana, em PIB a preços correntes, a sua relação com a China tem causado insegurança económica à Nigéria, pondo em causa o cumprimento das suas obrigações para com os seus cidadãos bem como a sua independência e autonomia, uma vez que a Nigéria é fortemente influenciada pelas posições políticas e económicas da China nas suas tomadas de decisão. Torna-se assim a diplomacia da armadilha da dívida entre a Nigéria e a China um tema de crescente importância no cenário global.

**Palavras-chave:** Cooperação, China, Nigéria, IDE, Comércio Bilateral

## **ABSTRACT**

Foreign Direct Investment plays an important role in Africa's economic development. The sectors that generally attract the most FDI are related to natural resources such as oil and gas. In Nigeria, it is by far the most important sector, where foreign oil companies operate extensively in the country, exploiting crude oil and natural gas. Nigeria has received investment from a number of countries, but China has been a prominent investor, getting involved in infrastructure projects in search of financial returns and energy stability, as China is one of the world's largest energy consumers. These investments have allowed for exponential growth in bilateral trade, however, there are concerns that these loans could generate a debt trap. Although Nigeria is considered to be Africa's leading economy in terms of GDP at current prices, its relationship with China has caused economic insecurity for Nigeria, calling into question the fulfillment of its obligations to its citizens as well as its independence and autonomy, since Nigeria is strongly influenced by China's political and economic positions in its decision-making. Debt trap diplomacy between Nigeria and China is therefore becoming an increasingly important issue on the global stage.

**Keywords:** Cooperation, China, Nigeria, FDI, Bilateral Trade

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

### GRÁFICOS

GRÁFICO 1- EXPORTAÇÕES VS IMPORTAÇÕES, CHINA-ÁFRICA.....	18
GRÁFICO 2- FLUXO DE IDE CHINÊS EM ÁFRICA.....	19
GRÁFICO 3- STOCK DE IDE CHINÊS PARA ÁFRICA NO FINAL DO ANO 2021, 5 SECTORES PRINCIPAIS. ....	20
GRÁFICO 4- TOTAL ENERGIAS RENOVÁVEIS EM ÁFRICA. ....	21
GRÁFICO 5- EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES DA CHINA PARA A NIGÉRIA (1992-2022). ....	29
GRÁFICO 6- PRINCIPAIS DESTINOS DE IDE (STOCK) CHINÊS EM ÁFRICA ..	30

### TABELAS

TABELA 1- PRINCIPAIS ACORDOS ENTRE A CHINA E A NIGÉRIA .....	28
--	----

### FIGURAS

FIGURA I- PIB A PREÇOS CORRENTES, NIGÉRIA VS ÁFRICA DO SUL. ....	25
--	----

## ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO 1- DISTRIBUIÇÃO DA AJUDA EXTERNA DA CHINA POR REGIÃO, 2013-2018.....	42
ANEXO 2- STOCK DE IDE CHINÊS PARA ÁFRICA NO FINAL DO ANO.....	42
ANEXO 3- A CONQUISTA DO COMÉRCIO AFRICANO PELA CHINA.....	43
ANEXO 4- EXPORTAÇÕES NIGÉRIA EM 2021 POR PRODUTO.....	44
ANEXO 5- PROJETOS DE IDE NA NIGÉRIA POR SECTOR (2019-2022).....	44
ANEXO 6-SITUAÇÃO DOS EMPRÉSTIMOS OBTIDOS À CHINA EXIM ATÉ 31 DE MARÇO DE 2020.....	45



## ÍNDICE

AGRADECIMENTOS .....	i
GLOSSÁRIO.....	ii
ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES .....	v
ÍNDICE DE ANEXOS .....	vi
INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 – COOPERAÇÃO SUL-SUL.....	9
1.1. ENQUADRAMENTO.....	9
1.2. DEMARCAÇÕES TEMPORAIS.....	11
CAPÍTULO 2: COOPERAÇÃO CHINA-ÁFRICA .....	15
2.1. UM ENQUADRAMENTO GERAL.....	16
2.2. CARACTERÍSTICAS E ÁREAS DE COOPERAÇÃO .....	17
2.3. DESAFIOS E PERSPETIVAS FUTURAS.....	22
CAPÍTULO 3 – RELAÇÃO SINO-NIGERIANA.....	24
3.1. NIGÉRIA .....	24
3.2. CONTEXTO HISTÓRICO.....	26
3.3. RELAÇÃO ECONÓMICA .....	28
3.4. INVESTIMENTO DIRETO ESTRANGEIRO DA CHINA NA NIGÉRIA.....	30
3.5. OIL FOR INFRASTRUCTURE (OFI).....	31
3.6. AGRICULTURA E GESTÃO AMBIENTAL .....	32
3.7. TECNOLOGIA E TELECOMUNICAÇÕES .....	33
3.8. DESAFIOS E PERSPETIVAS FUTUROS.....	34
CAPÍTULO 4 – RELAÇÃO WIN-WIN? .....	35
4.1. O CASO DA MINERAÇÃO ILEGAL - CAÇADORES DE LÍTIO .....	37
CONCLUSÃO.....	38
OBRAS CITADAS .....	40
ANEXOS.....	42

## INTRODUÇÃO

A cooperação Sul-Sul é um fenômeno cada vez mais notável e crescente no cenário global, que representa uma mudança nas dinâmicas de desenvolvimento e de investimento de cariz internacional. A Cooperação China-África tem sido uma parte importante da política externa chinesa e, na última década, a China e África experienciaram um crescimento exponencial nas suas relações, tanto políticas como económicas (Gülseven, 2023), estimuladas pela abundância de recursos naturais, tendo em 2021 o valor do seu comércio bilateral, China-África, atingido pico de 251 mil milhões de dólares (CARI, 2022). Nos últimos anos, a Nigéria tem emergindo como economia de destaque em África e a China tem vindo a consolidar a sua posição como uma das principais potências económicas mundiais. Ambos os países têm desempenhado um papel fundamental na promoção da cooperação sul-sul estabelecendo acordos estratégicos que vão além das relações tradicionais com os países do Norte.

Esta dissertação tem com objetivo explorar as complexidades da relação bilateral sino-nigeriana, focando-se em especial no Investimento Direto Estrangeiro chinês na Nigéria e como este tem vindo a afetar o desenvolvimento económico, social e político do maior país africano. A criação da fundação do Fórum Intergovernamental de Investimento Nigéria-China em 2006, permitiu a adjudicação a empresas chinesas de vários blocos petrolíferos importantes, implicando compromissos significativos de construção de infraestruturas em vários setores (Mthembu-Salter, 2009). A *China Ocean Shipping Group Company*, a maior empresa de transporte marítimo da China, estabeleceu em 2010 o seu centro para a África Ocidental em Lagos, cidade nigeriana, o que permitiu o crescimento exponencial do comércio bilateral sino-nigeriano. Estas parcerias têm desempenhado um papel crucial na exploração e produção de petróleo no país, contribuindo com cerca de 16 mil milhões de dólares (VOA, 2019) em investimentos até 2019.

A produção interna de petróleo da China tem diminuído devido ao esgotamento natural e outros desafios geológicos, levando o país a precisar de importar até 80% do seu fornecimento de petróleo bruto até 2030. Para garantir um fornecimento constante de petróleo, a China tem investido na Nigéria, adquirindo participações em campos de petróleo e entregando, em troca, projetos de infraestruturas. No entanto, os investimentos da China foram acusados de assumir a forma de presentes para influenciar indevidamente

os direitos de perfuração de petróleo, levando à suspensão do acordo OFI (*Oil for Infrastructure*) e a investigações sobre a transparência destes mesmos acordos (Nwoko, 2022). Porém, devido a fatores como a criminalidade financeira, a corrupção, a agitação civil e a instabilidade geopolítica, o público nigeriano levantou preocupações sobre a possibilidade de os empréstimos da China fazerem parte da diplomacia da armadilha da dívida (Abdulrasheed, 2021). Em Dezembro de 2022, a China era o maior credor bilateral da Nigéria, com um total de 8 mil milhões de dólares emprestados para financiar projetos em vários setores. A Embaixada da China na Nigéria insiste que não tem intenção de assumir o controlo do país e está empenhada em ajudar a Nigéria a satisfazer as suas necessidades de desenvolvimento. A China tem concedido avultados empréstimos à Nigéria mas estes foram recebidos com controvérsia devido a possíveis contrapartidas e abusos de poder. Além disso, a corrupção na Nigéria permitiu encobrir fraudes e até mesmo proteger membros de empresas chinesas que têm realizado exploração ilegal, como é o caso da exploração ilegal de lítio. O estudo desta relação é sem dúvida intrigante quando questões morais se levantam. Será que efetivamente a relação é simétrica e positiva para ambas as economias? Ou quando existe possibilidade de grandes retornos financeiros a assimetria surge e as suas implicações podem pôr em causa o bem-estar económico e social de uma sociedade? São estas questões que este trabalho pretende abordar. Para tal a sua estrutura é: no capítulo 1 uma abordagem à cooperação sul-sul seguindo-se para o capítulo 2 onde é contextualizada a relação sino-africana e posteriormente, no capítulo 3, a relação entre a Nigéria e a China, finalizando com o capítulo 4 onde é explorada a assimetria da relação sino-nigeriana.

## **CAPÍTULO 1 – COOPERAÇÃO SUL-SUL**

### **1.1. ENQUADRAMENTO**

Com o arrastar do período da Guerra Fria, as consequências económicas e políticas para o que atualmente se denomina o Sul Global impactaram em geral de forma discriminatória e negativa”. Assim, os países do Sul começaram a procurar novas formas de desenvolver uma ferramenta para o seu desenvolvimento económico ajudando a reduzir as desigualdades económicas entre os dois polos - o Sul e o Norte. É através da adoção do Plano de Ação de Buenos Aires para a Promoção e Implementação da

Cooperação Técnica entre os Países em Desenvolvimento<sup>1</sup> (TCDC) que, em 1978, surge o conceito Cooperação Sul-Sul, que estabelece princípios como o respeito à soberania, a não interferência nos negócios e relações comerciais, bem como a igualdade de direitos. O Pensamento do Sul tem sido considerado como uma importante contribuição para o debate global sobre direitos humanos, paz e desenvolvimento (Muhr, 2022).

No entanto, a ideia da Cooperação Sul-Sul (CSS) surgiu na década de 1960 com a intenção de ser uma alternativa ao modelo de desenvolvimento tradicional através da cooperação internacional entre países em desenvolvimento para troca de conhecimento, tecnologia e recursos em busca de um desenvolvimento equilibrado e sustentável. Esta cooperação emerge através de acordos bilaterais entre dois países e/ou através de projetos conjuntos entre vários países (cooperação triangular) onde se concentram em diferentes setores, como saúde, educação, agricultura e meio ambiente. A Cooperação Sul-Sul tornou-se um elemento importante para a promoção do desenvolvimento equilibrado entre os países em desenvolvimento. Em África, por exemplo, o Banco Africano de Desenvolvimento é um exemplo disso. Mediante este novo modelo de cooperação, as desigualdades entre os países em desenvolvimento deveriam ser reduzidas, levando a um futuro mais próspero para todas as nações.

A CSS pode ser definida como um instrumento de intercâmbio de experiências, entre países que partilham realidades históricas e desafios semelhantes onde é possível incentivar a inovação, aumentar o comércio e o emprego e ajudar a promover o crescimento económico (Santiago, 2013).

O compromisso do Sul com a descolonização e resistência à hegemonia global do Norte são a base do CSS. O processo de descolonização é um processo crítico e contínuo de transformação e libertação das nações do sul do colonialismo e seus legados. Este processo desafia as estruturas de poder desiguais e opressivas que foram criadas através do colonialismo e do imperialismo. Um entendimento histórico da política da CSS e da sua contra política neocolonial/imperialista é essencial para que o Sul alcance uma praxis social emancipatória.

---

<sup>1</sup> O processo de TCDC pode ser bilateral ou multilateral. Os governos são os principais organizadores desta cooperação, com a participação de organizações públicas, privadas e/ou indivíduos

No contexto da CSS, a descolonização deve ser vista como um processo de construção de independência política, económica e cultural em relação ao Norte, através da construção da solidariedade e cooperação Sul-Sul (Muhr, 2022), criando um afastamento da imposição do Norte levando a uma maior colaboração e intercâmbio entre os países do Sul com os seus próprios princípios e agendas. A criação das suas próprias instituições e redes, independentes da influência do Norte reforçam a recuperação do “Global South” (Muhr, 2022). Tais esforços podem facilitar parcerias mais equitativas entre o Sul e o Norte conduzindo a relações mais igualitárias e justas.

A 1ª Cimeira do Sul que confrontou as normas neoliberais do Norte foi um marco importante na política global (Muhr, 2022), dando lugar a duas iniciativas, que procuram um novo sistema global onde a proteção dos direitos humanos e a liberdade devem ser reconhecidos na luta para ressuscitar a descolonização e o anti-imperialismo (Muhr, 2022) - a Nova Parceria Estratégica Ásia-África, assinada na Cimeira Asiático-Africana de 2005, e a ALBA-TCP/Petrocaribe<sup>2</sup>, lançada em 2004 e 2005 (Muhr, 2022). Estas iniciativas baseiam-se no princípio da "desvinculação como descolonização" que envolve enfrentar a matriz colonial do Norte enquanto se esforça por desenvolver uma alternativa ao desenvolvimento.

## 1.2. DEMARCAÇÕES TEMPORAIS

Segundo Muhr, a história da cooperação Sul-Sul pode ser dividida em três períodos distintos: a Concertação, a Contenção e a Emergência do Sul. Estas periodizações da CSS oferecem uma visão das mudanças conceptuais no contexto geopolítico global e da política da CSS para a práxis social descolonial (Muhr, 2022).

### 1.2.1. Concertação (1945-1981): descolonização e internacionalismo do Terceiro Mundo.

O período de Concertação (1945-1981) marca o início da CSS tendo sido um período de descolonização e de internacionalismo do Terceiro Mundo em que os novos Estados independentes procuraram afirmar a sua soberania e promover o desenvolvimento económico e social como resposta direta ao fracasso do Norte

---

<sup>2</sup> Atualmente a ALBA-TCP é composta por sete países, dos quais alguns possuem governos de cunho socialista. (Venezuela, Cuba, Nicarágua, Bolívia, Dominica, Antígua e Barbuda e São Vicente e Granadinas).

industrializado em satisfazer as necessidades dos países em desenvolvimento. Este período foi caracterizado pela formação de alianças e redes para fomentar a cooperação entre países em desenvolvimento onde os princípios foram institucionalizados através de organizações como o Movimento dos Não-Alinhados (NAM), o Grupo dos 77 (G77) e a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), que procuraram promover a solidariedade entre os Estados recém-independentes (Cabana, 2014). Durante este período, os países recentemente independentes pertencentes a África, Ásia e América Latina procuraram traçar os seus próprios caminhos de desenvolvimento, muitas vezes em oposição às políticas das superpotências e das instituições financeiras internacionais.

A época foi também caracterizada pela emergência da Nova Ordem Económica Internacional (NOEI), que procurou promover a justiça económica e social entre as nações do Sul, nomeadamente após a aprovação pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 1974, da Nova carta da NOEI. A NOEI foi o culminar de esforços para descolonizar economicamente, exigindo condições de comércio mais justas, reparações e reforma do sistema monetário internacional e o direito de regular e nacionalizar empresas transnacionais e o direito à autodeterminação e sistemas económicos/sociais para o desenvolvimento. O seu potencial para a descolonização foi debatido e é anterior à Declaração das Nações Unidas sobre o Direito ao Desenvolvimento (1986).

#### 1.2.2. Contenção (1981-1995): reocidentalização através da contraofensiva Neoliberal.

Em 1981, o Norte encerrou unilateralmente vinte anos de diálogo Sul-Norte. Esta decisão fez parte de uma contraofensiva neoliberal do Norte, com ditaduras pró-ocidentais instaladas como o caso da Indonésia e do Chile. Na Conferência de Cancun (1981), as exigências do Sul para a NOEI e a democratização do regime de governação não foram consideradas. O relatório do Banco Mundial de 1981 promoveu políticas de ajustamento estrutural neoliberal. A recessão económica global, a crise da dívida, a dissolução da URSS e o reforço do FMI e da OMC sobre o sistema da ONU, enfraqueceram o poder de negociação do Sul e levaram à marginalização da visão do Terceiro Mundo da Cooperação Sul-Sul até 1995 (Muhr, 2022). Desde então, a globalização neoliberal tem-se tornado cada vez mais enraizada, o que levou a um enfraquecimento do poder de negociação do Sul, resultando num aumento da desigualdade, pobreza, insegurança e destruição ambiental. A marginalização do Sul tem

tido consequências terríveis para o mundo, aumentou o fosso entre ricos e pobres e o mundo tornou-se cada vez mais desigual e polarizado, tornando difícil o acesso das nações em desenvolvimento aos recursos e financiamento necessários para estimular o crescimento económico.

A CSS assistiu à reocidentalização da economia global, uma vez que as políticas neoliberais foram utilizadas para conter as ambições do Sul e restabelecer as estruturas de poder do Ocidente, acabando por resultar numa maior consolidação do domínio do Norte sobre o Sul.

### 1.2.3. Cooperação vs confronto (1995-presente): reocidentalização, desocidentalização e descolonização.

O comércio Sul-Sul cresceu exponencialmente nas últimas duas décadas, atingindo um quarto do comércio total mundial em 2017 (Muhr, 2022). A maioria das exportações são produtos com maior valor acrescentado tecnológico, sendo esta tendência em grande parte impulsionada pela China. Este crescimento permitiu ao Sul tornar-se estruturalmente mais independente e prosseguir com a sua autossuficiência, observando-se três principais tendências: Cooperação Triangular para reocidentalização, CSS para desocidentalização e CSS para descolonização.

A cooperação global para o desenvolvimento tem vindo a evoluir desde o Plano de Ação de Buenos Aires de 1978 e do relatório das Nações Unidas “New Directions” de 1995, onde ambos apelavam ao apoio dos países e instituições do Norte (Muhr, 2022). Estas iniciativas foram ratificadas no sistema da ONU através de duas conferências de alto nível, ambas em 2015: a Agenda de Ação de Adis Abeba e a Agenda para o Desenvolvimento Sustentável 2030 nas Nações Unidas. A OCDE e o Banco Mundial também apoiaram a autoconfiança, mas conceptualizaram-na de forma empreendedora, transferindo a responsabilidade pelo desenvolvimento para a escala nacional ignorando as estruturas históricas globais. Isto levou a uma remodelação da Cooperação Sul-Sul, na qual as normas e práticas da CSS estão a ser assimiladas às normas de condicionalidade do Norte, levando a uma diminuição do apoio do Sul e a uma maior concentração no investimento do sector privado e nos fluxos financeiros. Além disso, a agenda de desenvolvimento global tem ignorado largamente as questões das alterações climáticas e da degradação ambiental, que são dois dos desafios globais mais urgentes do nosso tempo.

Para enfrentar estas questões, são necessárias novas estratégias para assegurar que os países do Norte e do Sul trabalhem em conjunto para desenvolver soluções sustentáveis, equitativas e inclusivas. Isto requer um maior enfoque na CSS, particularmente nas áreas de desenvolvimento de capacidades, transferência de tecnologia e partilha de conhecimentos (Muhr, 2022).

A agressividade do Norte e a expansão da NATO demonstram a determinação do Norte em impulsionar o seu "totalitarismo global", mas o Sul está a recuar e a afastar-se do Norte através de estratégias como a Autossuficiência e Cooperação – essencialmente CSS. Esta confrontação é dupla: a desocidentalização e a descolonização.

No caso de África, através da Declaração da União Africana sobre autossuficiência, o Sul está numa posição estruturalmente vantajosa para prosseguir com confiança na descolonização, mesmo com sanções previstas do Norte (Muhr, 2022), permitindo o desvinculo e a reocidentalização e a desocidentalização. No entanto, depende de uma liderança política empenhada e determinada no Sul com as mentes progressistas no Norte, como o caso dos BRICS que são um exemplo de CSS onde o bloco está espacialmente interligado e relacionado com o Sul. Isto significa que o Sul tem de estar disposto a ir além da subjugação do Norte e criar as suas próprias instituições, normas e leis que estejam de acordo com os seus próprios valores, o que permitirá ao Sul criar os seus próprios caminhos de desenvolvimento e criar modelos alternativos de governação global. No entanto, é essencial que os países do Norte e do Sul trabalhem em conjunto para assegurar que os recursos e a capacidade do Sul não sejam aproveitados pelo Norte, assegurando que o Sul se possa tornar num parceiro em pé de igualdade na agenda de desenvolvimento global e um maior contribuidor para o crescimento global.

Para assegurar a eficácia da Cooperação Sul-Sul, é importante promover um entendimento comum dos objetivos de desenvolvimento e assegurar que os países sejam responsáveis uns pelos outros. Além disso, é importante assegurar que a CSS siga as normas e padrões internacionais existentes sem que exista intervenção direta nos países e promover a cooperação dentro e entre os países do Sul (Bracho & Grimm, 2016). Isto ajudará a reduzir a fragmentação, diminuir os custos de transação e assegurar que a CSS seja utilizada como um instrumento para promover o desenvolvimento no Sul global.



A emergência do Sul Descolonial, que surge no início do séc. XXI e pode ser vista como uma reação à hegemonia contínua do Norte industrializado, é marcada pela emergência de vozes críticas do Sul que questionaram a dinâmica de poder estabelecida pelo Norte, procurando reorientar o discurso do desenvolvimento para longe do neoliberalismo. Atualmente vivemos num período de solidificação do Sul descolonial, sendo caracterizada por um maior desenvolvimento e consolidação de paradigmas alternativos ao desenvolvimento. Este período é marcado pela emergência de novas redes e alianças Sul-Sul que procuram desafiar o *status quo* e promover os interesses do Sul. Exemplos deste período incluem os países BRICS e a emergência do grupo G77+China.

No caso específico da China, a sua CSS bilateral oferece aos países em desenvolvimento uma alternativa aos doadores ocidentais e o seu modelo económico levou à ampla aceitação da sua influência no bloco. A sua política externa é impulsionada por duas prioridades internas: acesso a recursos energéticos e evitar o reconhecimento internacional de Taiwan como Estado soberano (Mendes, 2010). Externamente, o crescimento económico é a meta, resultando num misto de assertividade e pragmatismo. *«É neste contexto que a RPC enquadra a sua presença no hemisfério Sul no âmbito da cooperação Sul-Sul, considerando-se o maior país subdesenvolvido do mundo e disponível para ajudar os outros no caminho para o desenvolvimento.»* (Mendes, 2010)

Analisar o impacto desta influência na política internacional é cada vez mais relevante. O governo chinês trabalha para garantir que a sua política externa seja aceite e respeitada na comunidade internacional, ampliando as suas relações diplomáticas com outros países e aumentando a sua presença em organizações internacionais, focando-se na cooperação multilateral<sup>3</sup>. O potencial e sucesso são grandes para os fornecedores do Sul, desde que as políticas sejam coesas entre todos os fornecedores e o acesso ao mercado seja concedido aos bens processados. (Bracho & Grimm, 2016)

## **CAPÍTULO 2: COOPERAÇÃO CHINA-ÁFRICA**

O capítulo 2 examina a relação política e económica entre a República Popular da China (RPC) e o continente africano. Abrangendo mais de 50 anos, esse relacionamento tem sido uma parte importante da política externa chinesa, sendo que na última década, a

---

<sup>3</sup> Cooperação multilateral é uma forma de cooperação entre três ou mais países, organizações internacionais ou grupos.

China e África vivenciaram um crescimento exponencial nas suas relações quer políticas, quer económicas (Gülseven, 2023), estimulado pela abundância de recursos naturais e mercados inexplorados em África. Mas também é por estes motivos que a sua relação tem sido controversa e alvo de discussão e, neste capítulo, será possível constatar que a relação sino africana é complexa e que ainda não está clara a questão se a mesma proporciona ou não ganhos mútuos uma vez que existirá sempre contrapartidas, podendo ser ou não favoráveis aos países africanos, uma vez que podem ser sujeitos a exigências que criam dependências da RPC. Em última análise, o benefício mútuo do relacionamento deve ser determinado empiricamente.

## 2.1. UM ENQUADRAMENTO GERAL

A aproximação por parte do governo chinês na década de 50 intensificou-se nos países africanos, aumentando de forma progressiva o seu volume e extensão geográfica das suas inter-relações (Gülseven, 2023) apoiando o processo de descolonização de diversos países africanos (Alves, 2010). Quando comparado com a relação África – Ocidente a abordagem da China, ao investir no exterior, reúne política externa e objetivos de crescimento económico sem que esta interfira nas questões domésticas, tornando assim o seu relacionamento mais equilibrado (Mlambo, Kushamba, & Simawu, 2016), diferenciando-se dos tradicionais países doadores ocidentais, subsidiando ajuda financeira e de infraestrutura e criando oportunidades educacionais para centenas de milhares de africanos (Gülseven, 2023). Parte destes apoios têm ajudado a aumentar os níveis de rendimento promovendo o desenvolvimento socioeconómico em África, propiciando à região uma maior influência global (Mlambo, Kushamba, & Simawu, 2016).

Para compreender o que motivou a criação da relação da China com África é importante recuar e observar parte da história da RPC. Historicamente, a Revolução Chinesa de 1949 marcou o início de um longo período de reconstrução nacional. A primeira geração, liderada por Mao Zedong, tornou o país independente, integrou territórios e estabeleceu as bases da indústria e infraestruturas básicas criando um período de busca por alianças políticas. A segunda geração, chefiada por Deng Xiaoping, iniciou a política de Reforma e Abertura em meados da década de 1970, um período de transição, acelerando o desenvolvimento, modernizando a tecnologia e reduzindo o atraso do país em relação aos países desenvolvidos. A terceira geração, sob a coordenação de Jiang

Zemin, (1993-2003) enfrentou as consequências do colapso do campo soviético, mas continuou a aprofundar as políticas iniciadas por Deng, seguindo-se por Hu Jintao (2003-2013) na quarta geração. A quinta geração que está sob Xi Jinping, (2013-atualidade) viu um renovado impulso para a presença internacional da China, observando um período de rápido crescimento e desenvolvimento económico chinês, com uma diplomacia muito mais assertiva, evidente na sua presença crescente em África (Anexo 1) e no seu envolvimento em questões de segurança no Mar da China Meridional (Gülseven, 2023). A China tornou-se um ator importante nos assuntos internacionais, aderindo à OMC em 2001 e desempenhando um papel de destaque nos processos de integração regional, permitindo ao país assumir maiores responsabilidades e passar de participante passivo a protagonista ativo do sistema mundial.

## 2.2. CARACTERÍSTICAS E ÁREAS DE COOPERAÇÃO

O colapso do socialismo soviético no início da década de 90 do século passado teve um efeito de longo alcance nas relações internacionais e na sociedade. Os EUA adotaram políticas externas unilateralistas e intervencionistas, enquanto a África e a China enfrentaram desafios diferentes (Pautasso, 2016). Em África, o colapso provocou regressões económicas e institucionais, levando à marginalização do continente e ao aumento dos conflitos de identidade, pobreza e epidemias. Enquanto isso, o Ocidente optou por se envolver com a China em vez de isolá-la. Vários fatores-chave contribuíram para esta decisão, tais como o fim da Guerra Fria, as reformas da China, os interesses económicos mútuos, o diálogo diplomático e o desenvolvimento da China como ator global, desempenhando um papel mais proeminente nas instituições internacionais, como o aumento das suas contribuições financeiras para a Organização Mundial da Saúde (OMS). Em suma, a queda do socialismo teve um impacto significativo no sistema internacional e nos países envolvidos. Esta relação forte e institucionalizada entre a China e África foi evidenciada no Fórum de Cooperação China-África (FOCAC), estabelecido em 2000. O FOCAC é um importante mecanismo institucional que promove a cooperação entre a China e os países africanos. Através do FOCAC, a China forneceu aos países africanos várias formas de assistência, tais como tratamento de tarifa zero em alguns produtos africanos exportados para a China, linhas de crédito (Anexo 2), investimento estrangeiro, conhecimentos profissionais, cooperação técnica e ajuda humanitária, conforme estabelecido no Plano de Ação de Adis Abeba, em 2015. A cooperação sino-africana abrange assim uma variedade de áreas, como comércio e investimento,

infraestrutura, desenvolvimento agrícola, desenvolvimento social, tecnologia e telecomunicações, recursos naturais e energia. A China torna-se, desta forma, um importante parceiro comercial para África, através de investimentos em setores estratégicos como o de energia e de mineração, na promoção de projetos de infraestrutura de grande escala em África, na partilha da sua experiência no setor agrícola e no fornecimento de assistência médica. A cooperação na área de tecnologia e telecomunicações tem sido uma parte crescente da parceria sino-africana. Esta cooperação tem sido fundamental para facilitar o comércio intracontinental e regional, estimulando o crescimento económico sustentável e promovendo a transição para uma economia de baixo carbono através da expansão das energias renováveis, como energia solar e eólica (BAD, 2021). Alguns destes pontos poderão ser observados nos tópicos seguintes.

### 2.2.1. EXPORTAÇÕES VS IMPORTAÇÕES

A China e a África têm mantido uma forte relação comercial nos últimos 20 anos, destacando-se o volume de importações da RPC para os países africanos (Anexo 3) onde, mesmo com a queda dos preços das matérias-primas em 2014 e a perturbação causada pela COVID-19, o valor do seu comércio bilateral atingiu um pico de 251 mil milhões de dólares em 2021 (CARI, 2022). Este número representa um aumento significativo face aos 176 mil milhões de dólares em 2020, afirmando assim, um bom grau de resiliência na relação entre a China e África face às adversidades.

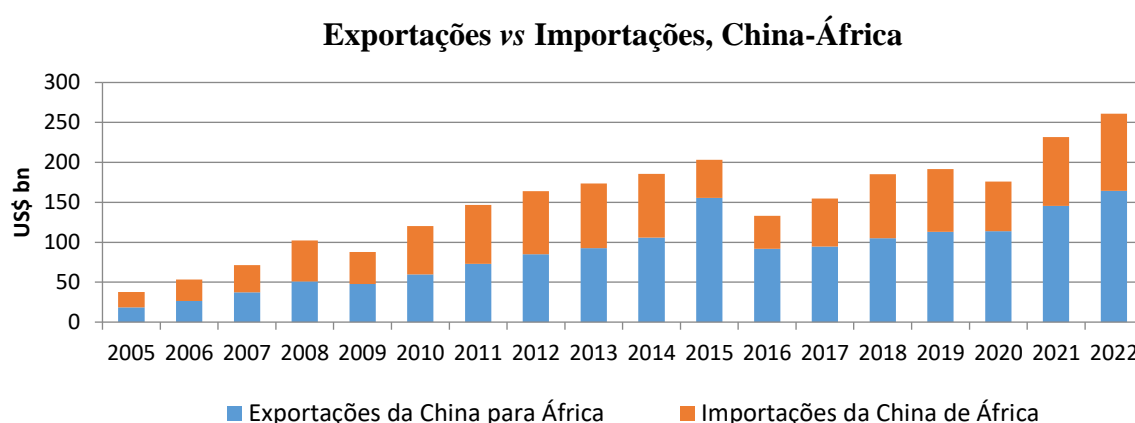


Gráfico 1- Exportações vs Importações, China-África

Fonte: UNComtrade data from 1992-2022, <http://comtrade.un.org/data/>, in Johns Hopkins University SAIS China-Africa Research Initiative

Para África, as importações da China excederam largamente as dos países africanos, podendo haver preocupações relativamente à dependência excessiva das suas exportações, resultando num défice comercial que pode ser um desafio para algumas das exportações de recursos naturais para a China, podendo tornar os países africanos vulneráveis aos preços globais das matérias-primas – principalmente nas flutuações de mercado petrolífero. Além disso, a concorrência com os produtos chineses exerce frequentemente pressão sobre as indústrias africanas, que podem ter dificuldades para competir em termos de preço e qualidade, em especial, nos mercados locais, uma vez que, um dos maiores produtos chineses importados em África são produtos manufacturados, como vestuário e têxteis, que são importados em grande escala permitindo preços mais baixos quando comparados com os preços que os locais podem garantir, pois são poucos os países africanos que conseguem competir com a China em termos de preço e escala de produção.

### 2.2.2. INVESTIMENTO DIRETO ESTRANGEIRO

Os fluxos de Investimento Direto Estrangeiro (IDE) da China para África cresceram significativamente desde 2003, passando de 75 milhões de dólares para 5 mil milhões de dólares em 2021. Em 2008, o IDE atingiu o nível mais alto de 5,5 mil milhões de dólares, devido à compra de 20% de Ações do Standard Bank da África do Sul pelo Banco Industrial e Comercial da China.

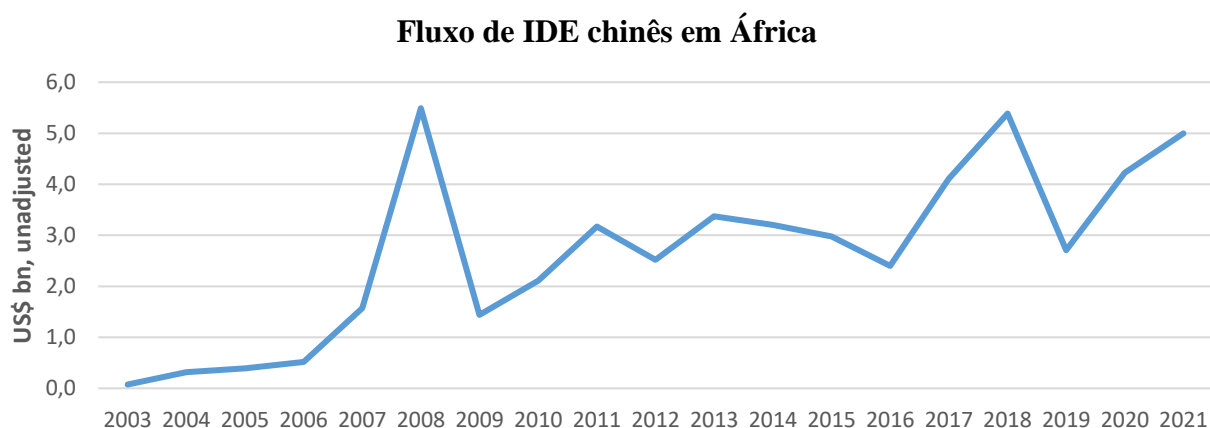


Gráfico 2- Fluxo de IDE chinês em África

Fonte: The Statistical Bulletin of China's Outward Foreign Direct Investment, U.S. Bureau of Economic Analysis, in Johns Hopkins University SAIS China-Africa Research Initiative

Relativamente ao *stock* de IDE chinês em África, no final do ano 2021 somou 442 mil milhões US\$<sup>4</sup>. Estes investimentos em construção e energia são motivados pelo seu retorno a longo prazo, alimentado pela importância estratégica e pelo potencial crescimento económico de África, representando 59,6% em 2021.

### Stock de IDE chinês para África no final do ano 2021, 5 sectores principais

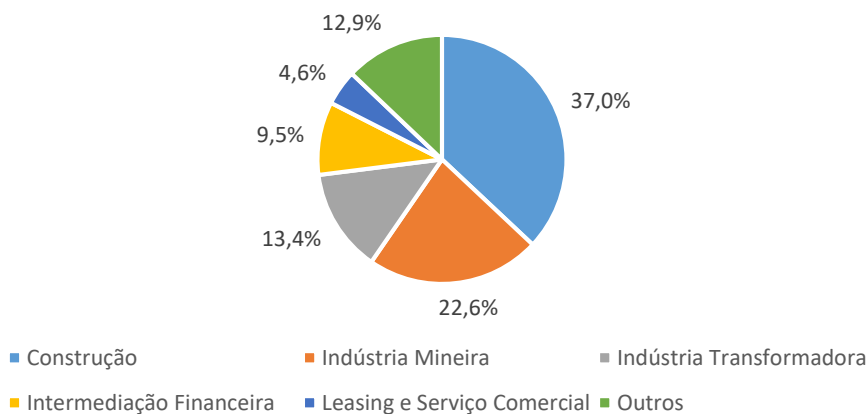


Gráfico 3- Stock de IDE chinês para África no final do ano 2021, 5 sectores principais.

Fonte: Elaborado pela Autora com base nos dados de *Johns Hopkins University SAIS China-Africa Research Initiative*

A cooperação sino-africana tem gerado impactos significativos nos países africanos nas mais diversas áreas de intervenção. Os investimentos chineses impulsionaram o crescimento económico, facilitaram a conectividade regional e aumentaram o acesso à energia, à medida que as iniciativas nas áreas de saúde, educação e formação tiveram um impacto positivo no desenvolvimento social<sup>5</sup>.

### 2.2.3. TRANSIÇÃO PARA ECONOMIA DE BAIXO CARBONO

A cooperação energética China-África está a evoluir, reorientando o foco na importação e desenvolvimento de fontes fósseis para uma cooperação mais abrangente que incorpora a energia tradicional, a conectividade energética e as novas energias. Esta evolução foi anunciada na quarta reunião ministerial da FOCAC no Egipto em 2009, onde se implementou “100 projetos de energia limpa” em toda a África, com foco na energia

<sup>4</sup> China Statistical Yearbook: "Oversea Direct Investment by Countries or Regions"

<sup>5</sup> China Radio International, «China, um parceiro importante para a África», in <https://portuguese.cri.cn/2023/08/22/ARTI5st5l1G4NwUsjJZKe0bd230822.shtml>

solar e hidroelétrica. A Cimeira da FOCAC de 2018, realizada em Pequim, resultou na adoção do Plano de Ação 2019-2021, que lançou as bases para a cooperação na exploração, desenvolvimento e comércio de energia, com especial ênfase na energia “verde” (Fernandes, 2020). Tendo sido criado um Centro de Cooperação Energética China-África para reforçar a cooperação e o intercâmbio energético entre os mesmos.

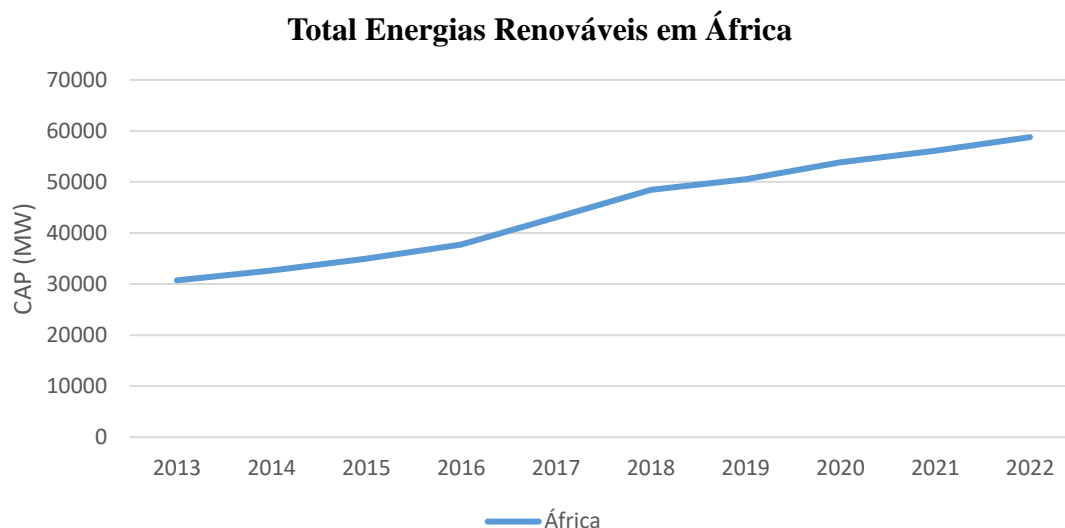


Gráfico 4- Total Energias Renováveis em África.

Fonte: Elaborado pela Autora com base no relatório Renewable capacity statistics 2023, in IRENA

Fernandes (2020), acredita que a China investe cada vez mais em fontes de energia renováveis, como a solar, a hídrica e a eólica em África, refletindo o compromisso de Pequim com o desenvolvimento sustentável e o Acordo de Paris sobre as alterações climáticas, sendo esta cooperação energética China-África mutuamente benéfica. A China também tem uma vasta experiência em políticas energéticas de longo prazo e poderá fornecer formação e aconselhamento aos países africanos, trabalhando no sentido de um sistema energético estável para África, permitindo o desenvolvimento de tecnologia sustentável, a criação de redes energéticas inteligentes e a promoção regional da energia. Esta modernização das redes energéticas é também uma oportunidade de investimento atrativa para as empresas chinesas, que procuram investimentos no exterior, pois é uma solução necessária para permitir o desenvolvimento das infraestruturas de África, uma vez que muitas das empresas da África Subsariana sofrem com interrupções frequentes de eletricidade levando a perdas económicas (Fernandes, 2020).

#### 2.2.4. COVID-19 E A REDUÇÃO DA DÍVIDA

A China e os países africanos lutaram lado a lado contra a COVID-19, como demonstrou a Cimeira Extraordinária China-África sobre a Solidariedade contra a COVID-19, realizada em junho de 2020. A China prestou um amplo apoio a África através do alívio da dívida, de fornecimentos anti pandémicos – como vacinas - e na partilha da sua experiência antiepidémica. Em abril de 2020, a China juntou-se ao G20 para proporcionar alívio aos países em crise de dívida através da Iniciativa de Suspensão do Serviço da Dívida (ISSD). Em 2021, ao abrigo da ISSD, dois credores bilaterais chineses (Eximbank e CIDCA) concederam a suspensão de 1,3 mil milhões de dólares (CARI, 2021) da dívida a 23 países (dos quais 16 africanos), o que representa mais de metade do total da dívida mundial.

#### 2.3. DESAFIOS E PERSPETIVAS FUTURAS

Como em todas as relações, a China e muitos dos países africanos vivenciam décadas de cooperação, mas não sem os seus desafios, como a dependência económica, desigualdades comerciais, questões ambientais e questões de direito no trabalho, como de direitos humanos. Os críticos argumentam que os grandes investimentos e empréstimos da China podem criar dependência económica excessiva da China – Armadilha da Dívida (Mulaku, 2019) , enquanto alguns países enfrentam desequilíbrios comerciais persistentes. Além disso, a exploração de recursos naturais e o desenvolvimento de infraestrutura pela China podem ter impactos ambientais significativos, como degradação ambiental e emissões de gases de efeito estufa (Mlambo, Kushamba, & Simawu, 2016). Finalmente, há preocupações com as condições de trabalho, direitos dos trabalhadores e respeito aos direitos humanos em projetos chineses na África. Muitos dos relatórios existentes sugerem longas jornadas de trabalho, falta de segurança e assistência médica inadequada, exploração e violações dos direitos do trabalho básicos (Mlambo, Kushamba, & Simawu, 2016). Além disso, as restrições aos direitos sindicais e o deslocamento forçado de comunidades locais derivados de novos projetos chineses, levantam preocupações em relação aos direitos humanos das populações afetadas (Mlambo, Kushamba, & Simawu, 2016). Neste sentido, devem ser adotadas normas que protejam os trabalhadores, bem como um monitoramento e diálogo social entre todas as partes. Governos, empresas, organizações da sociedade civil e atores internacionais devem



colaborar para garantir que esses direitos sejam respeitados nos projetos de cooperação sino-africanos onde a transparência na implementação desses projetos seja garantida.

A cooperação sino-africana oferece uma oportunidade para um maior desenvolvimento e para a procura do benefício mútuo. A China continuará a ser um importante parceiro de investimento para os países africanos e espera-se que os investimentos se expandam para setores além dos recursos naturais, como o caso das infraestruturas, onde África tem enfrentado um grande desafio, e a China tem ajudado significativamente a desenvolver esta área que apresenta diversos défices. Esta ajuda assumiu a forma da Iniciativa “*One Belt, One Road*” (Pautasso, 2016), com a China a investir em projetos de estradas, caminhos-de-ferro, portos e energia em África. Através do FOCAC, a China estabeleceu no plano trienal (2022 –2024) a promoção e o desenvolvimento de infraestruturas em África, que resultou, segundo a CARI Policy Brief (2019), em mais de 200 grandes projetos, 30.000 km de autoestradas melhoradas, 2.000 km de caminhos-de-ferro, 85 milhões de toneladas de capacidade de tratamento de água potável, 20.000 MW de capacidade de produção de energia e mais de 30.000 MW de linhas de transmissão e transformação. Para além das infraestruturas, existe também a necessidade de fortalecer a cooperação em saúde e desenvolvimento social, como educação, erradicação da pobreza e empoderamento das mulheres (Omolo, 2023). No futuro, o envolvimento e o diálogo contínuos entre a China e os países africanos, bem como a participação ativa de instituições internacionais e da sociedade civil, serão fundamentais para o desenvolvimento bem-sucedido desta cooperação.

Com a maioria dos países africanos a depender fortemente das exportações de petróleo e das importações de produtos manufaturados da China, as contrapartidas da relação sino-africana podem trazer benefícios assimétricos. Segundo o *The Economist*<sup>6</sup> (2022), as relações entre a China e África são complexas, onde os líderes africanos não têm muitas vezes outra opção senão negociar com a China, contudo, as sondagens mostram que a maioria dos africanos tem uma grande consideração pela China e esperam manter e reforçar as suas relações. A relação entre África e a China é complexa e multifacetada, é necessário reconhecer que embora a China tenha vindo a proporcionar

---

<sup>6</sup>Special report | China in Africa, « *The Chinese-African relationship is important to both sides, but also unbalanced* », in <https://www.economist.com/special-report/2022/05/20/the-chinese-african-relationship-is-important-to-both-sides-but-also-unbalanced>

grandes benefícios, como o desenvolvimento de infraestruturas, a transferência de conhecimentos, o investimento direto estrangeiro e a ajuda, a China atuará sempre de acordo com os seus próprios interesses. Cabe, por isso, aos Estados Africanos alavancar as suas relações com a China de modo a atingir objetivos económicos, sociais e políticos, garantindo uma melhor governação e regulamentação das empresas chinesas. Desta forma, compreende-se que apesar de algumas vezes, a cooperação não seja simetricamente benéfica, as suas características, impactos e perspetivas futuras das relações sino-africanas são e continuam a ser sustentáveis. O mesmo acontece em relações mais estreitas como o caso da relação sino-nigeriana.

### **CAPÍTULO 3 – RELAÇÃO SINO-NIGERIANA**

Apesar destas preocupações, a Nigéria tem fatores que potencializam e continuam a alimentar a relação sino-nigeriana, continuando a atrair IDE chinês. Assim, este capítulo examinará as dimensões políticas, económicas e sociais desta relação, destacando os principais eventos e desenvolvimentos que moldam o relacionamento entre os dois países.

#### **3.1. NIGÉRIA**

A República Federal da Nigéria é um país pertencente ao continente africano e é o país mais populoso de África, com cerca de 218 milhões habitantes<sup>7</sup>. Situa-se no golfo da Guiné e apesar de a sua capital ser Abuja, a sua cidade mais populosa é Lagos. As religiões predominantes são o islamismo e o cristianismo, o que tem vindo a gerar alguns confrontos civis. É conhecido por ser rico em recursos naturais, especialmente petróleo, que tem desempenhado um papel significativo na sua economia onde as suas exportações em 2021 representam cerca de 74% das exportações dos bens do país (OEC, 2023) – Anexo 4.

Atualmente, a Nigéria é considerada a primeira economia Africana ultrapassando a África do Sul, com um PIB a preços correntes de 477 mil milhões de US\$ (World Bank, 2023).

---

<sup>7</sup> Retirado do World Bank, acesso a 01 setembro 2023 in <https://data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL?locations=NG>

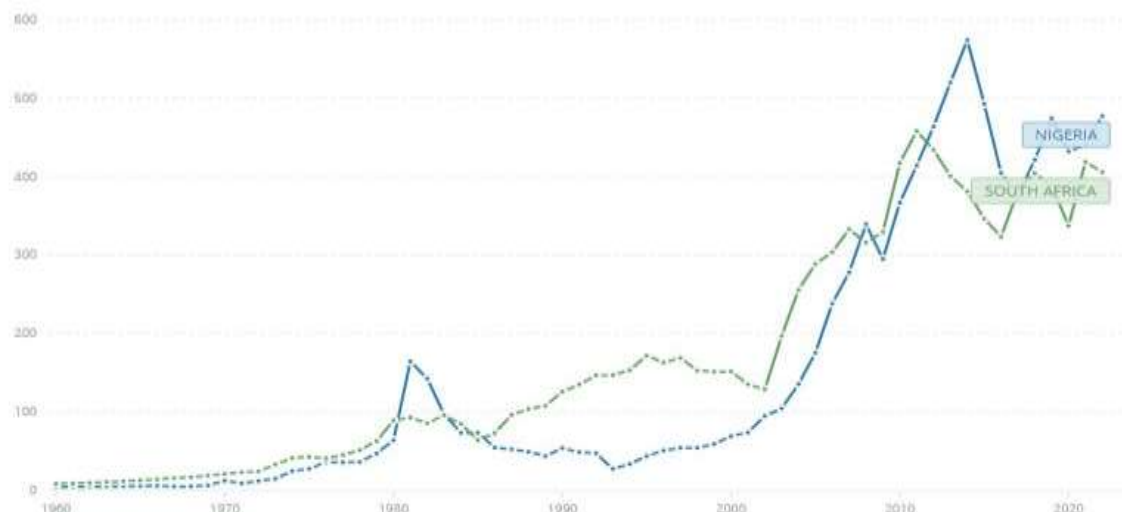


Figura I- PIB a preços correntes, Nigéria VS África do Sul.

Fonte: World Bank

A Nigéria é um dos principais destinos de investimento direto estrangeiro (IDE) em África, os fluxos de IDE mais do que duplicaram em 2021 e o volume total de IDE estimado foi cerca de 20,8% do PIB do país<sup>8</sup>. Os principais sectores que atraem o IDE incluem o petróleo e o gás, as telecomunicações, a indústria transformadora, o sector imobiliário e a agricultura. Investidores como o Reino Unido, a China e os EUA encontram-se entre os maiores. Apesar deste resultado fantástico, a Nigéria enfrenta vários problemas que têm impacto na perceção de potenciais investidores estrangeiros. A instabilidade e a violência, especialmente no Delta do Níger, onde se encontra o grosso das reservas petrolíferas e onde existem tensões entre empresas multinacionais produtoras de petróleo, o governo nigeriano e vários grupos étnicos da região e no Norte do país originado pela escassez de alimentos que gerou conflitos entre as comunidades devido à competição por esses recursos limitados. Além disso, apesar de ser considerada a primeira economia africana, existe uma grande disparidade na distribuição da riqueza, com cerca de 40% da população a viver na pobreza (**Câmara do Comércio, 2022**), podendo estar associada à sua instabilidade política e social, recordando que a Nigéria sofreu o primeiro golpe de Estado apenas 6 anos após a sua independência em 1960. Embora a situação esteja a melhorar, o progresso e o processo são lentos, pois a Nigéria, apesar de agora

<sup>8</sup> LLOYDS BANK, Foreign direct investment (FDI) in Nigeria, in <https://www.lloydsbanktrade.com/en/market-potential/nigeria/investment>

democrática, está colocada entre os países com maior índice de corrupção – IPC 24/100, ocupando o 150º no ranking de 180 países <sup>9</sup>.

### 3.2. CONTEXTO HISTÓRICO

A Nigéria até 1960 era uma colónia britânica. Com a sua independência a permitir a procura de novos aliados, a Nigéria assumiu uma posição mais pró-ocidente nas suas primeiras quatro décadas, optando por criar relações com países como os EUA. Tal facto se comprova pela Nigéria não ter estado incluída na visita aos dez países africanos, entre 1963 e 1964, pelo *premier* chinês Zhou Enlai (1898-1976). Foi apenas em 1971 que a Nigéria e a China estabeleceram os primeiros laços diplomáticos, despoletado pelo voto a favor da Nigéria favorecendo a China a tornar-se membro permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas (Mthembu-Salter, 2009), mas apenas em 1974 houve a primeira visita oficial do presidente Nigeriano General Yakubu Gowon (1934 - ) à China. Esta relação cresceu ao longo dos anos devido à expansão económica da China e às grandes reservas de petróleo da Nigéria. Contudo, é possível distinguir dois momentos da relação sino-nigeriana – o pré e o pós 1999, marcado pelo início do governo de Olusegun Obasanjo (1937 - ). Segundo Mthembu-Salter (2009), esta relação foi afetada pelo crescente desequilíbrio comercial entre os dois países e pela oposição do governo nigeriano à posição do governo chinês e da sua linha adotada no conflito de Angola.

Quanto ao primeiro período, Durante as décadas de 1980 e 1990, a Nigéria passou por um período difícil, com vários governantes militares a entrar e a sair do poder. Sani Abacha, que assumiu o poder após eleições disputadas em 1993, foi o mais opressivo de todos os governantes, mas foi também ele que iniciou os primeiros contactos com o governo chinês no início do seu mandato, na esperança de encontrar fontes alternativas de ajuda e investimento. De acordo com Mthembu-Salter (2009), um contrato de US\$ 529 milhões foi concedido pela China Civil Engineering Construction Corporation (CCECC) para reabilitar o sistema ferroviário nigeriano em 1995. A Câmara de Comércio Nigeriano-Chinesa foi fundada em 1994 e o antigo primeiro-ministro do Conselho de Estado da China, Li Ping, visitou a Nigéria em 1997, assinando protocolos relacionados

---

<sup>9</sup> Índice de Perceção da Corrupção (IPC) é a classificação global da corrupção mais utilizada no mundo. Mede o grau de corrupção do sector público de cada país, de acordo com especialistas e empresários. – informações retiradas do site <https://www.transparency.org/en/cpi/2022/index/nga>

com a produção de energia, aço e petróleo. Apesar do poder da sua administração ter sido sentido em termos económicos, quando Abacha faleceu repentinamente, em 1998, provocou uma sensação de alívio na população, uma vez que o seu poder foi também ele sentido em termos de violência estatal (Mthembu-Salter, 2009). Mas a convicção de Abacha de "olhar para o leste" à procura de ajuda e investimento provaram ser vitais para o futuro do país.

No início do segundo período, A parceria sino-nigeriana encontrava-se estagnada e os projetos e acordos anunciados não tinham sido colocados em prática até Olusegun Obasanjo ser eleito presidente, em 1999 (Rysdyk, 2010). Durante o seu mandato (1999-2007), as relações entre a China e a Nigéria começaram a desenvolver-se e a intensificar-se, com visitas mútuas e acordos para a criação de gabinetes comerciais e fóruns de investimento, como a fundação do Fórum Intergovernamental de Investimento Nigéria-China (2006), onde foram adjudicados às empresas chinesas vários blocos petrolíferos importantes, o que implicou compromissos significativos de construção de infraestruturas em vários setores (Mthembu-Salter, 2009). Esta abordagem "*oil-for-infrastructure*" de Obasanjo levou-o a conceder contratos petrolíferos em troca do compromisso chinês de realizar projetos de infraestruturas fundamentais (Egbula & Zheng, 2011). Mas, com a chegada ao poder do Presidente Umaru Yar'Adua (2007-2010), as relações voltaram a estagnar por falta de transparência nos contratos assinados durante o mandato de Obsanjo, chegando mesmo a suspender alguns dos contratos "*oil-for-infrastructure*". Alguns desses contratos só foram recuperados quando Goodluck Jonathan assumiu o poder em 2010 (até 2015), tendo a China declarado o seu novo plano para uma parceria estratégica com a Nigéria, prevendo a igualdade política, a confiança mútua, a cooperação económica vantajosa para ambos e o intercâmbio cultural (Egbula & Zheng, 2011). Com a chegada do novo presidente Muhammadu Buhari (2015-maio/2023) a relação manteve-se tendo Buhari escrito em carta aberta (2022) que existiam “novas oportunidades para os benefícios mútuos de ambos os países”<sup>10</sup>.

Com a China a procurar expandir o seu mercado e as suas indústrias, surgiram numerosos Investimentos Direto Estrangeiro em vários setores na Nigéria. Estes investimentos ajudaram a Nigéria a resolver alguns pontos das suas próprias questões internas, como a saúde pública e a educação (Carneiro, 2014). Como resultado, ambos os

---

<sup>10</sup> Carta de felicitação do 73º aniversário da fundação da República Popular da China.

países têm vindo a beneficiar, de forma mais ou menos simétrica, do seu relacionamento e do seu comércio bilateral.

Observa-se que o início do segundo período de interação entre os países as relações ficaram mais estreitas e acentuadas. A Tabela 1 apresenta alguns dos acordos entre os dois países:

Ano	Tipo de Cooperação/Acordos
2001	Acordo sobre Comércio, Promoção e Proteção do Investimento Acordo para Evitar a Dupla Tributação e Prevenir a Evasão Fiscal em Matéria de Impostos sobre o Rendimento
2002	Evasão Fiscal em matéria de Imposto sobre o Rendimento
2002	Acordo sobre Assuntos Consulares
2002	Acordo de Cooperação para o Reforço da Gestão de Estupefacientes, Substâncias Psicotrópicas e Desvio de Precursores Químicos
2002	Acordo sobre a cooperação no domínio do turismo
2003	Acordo de Cooperação Sul-Sul entre a China, a Nigéria e a FAO
2006	<i>Memorandum of Understanding</i> sobre uma parceria estratégica
2009	Acordo contra os produtos de contrafação exportados da China para a Nigéria
2009	<i>Memorandum of Understanding</i> sobre a promoção da cooperação e parceria económica bicameral entre o Estado de Ogun da Nigéria e a Província de Zhejiang da China
2010	<i>Memorandum of Understanding</i> sobre a cooperação para a paz
2018	Acordo de SWAP cambial entre o Banco Central da China e a Nigéria
2018	Acordo com <i>Civil Engineering Construction Corporation</i> (CCECC) para a modernização da linha ferroviária Lagos - Kano
2023	Acordo com <i>Civil Engineering Construction Corporation</i> (CCECC) para o Restabelecimento do Aeroporto De Jigawa, noroeste da Nigéria

Tabela 1- Principais acordos entre a China e a Nigéria

Fonte: Elaborado pela Autora compilando informação *West Africa Club Secretariat* (SWAC/OECD) e XINHUANET.com

### 3.3. RELAÇÃO ECONÓMICA

O comércio bilateral entre a China e a Nigéria aumentou significativamente desde a década de 90. Em 1995, o comércio registado foi de 210 milhões de dólares, aumentando para 850 milhões de dólares em 2000, equilibrando a balança comercial passando de 72% das exportações chinesas para 64%, respetivamente. O desequilíbrio agravou-se em 2008, onde foram registados 7,3 mil milhões de dólares, quase nove vezes

mais do que em 2000, com as exportações chinesas a representarem 93% (Mthembu-Salter, 2009).

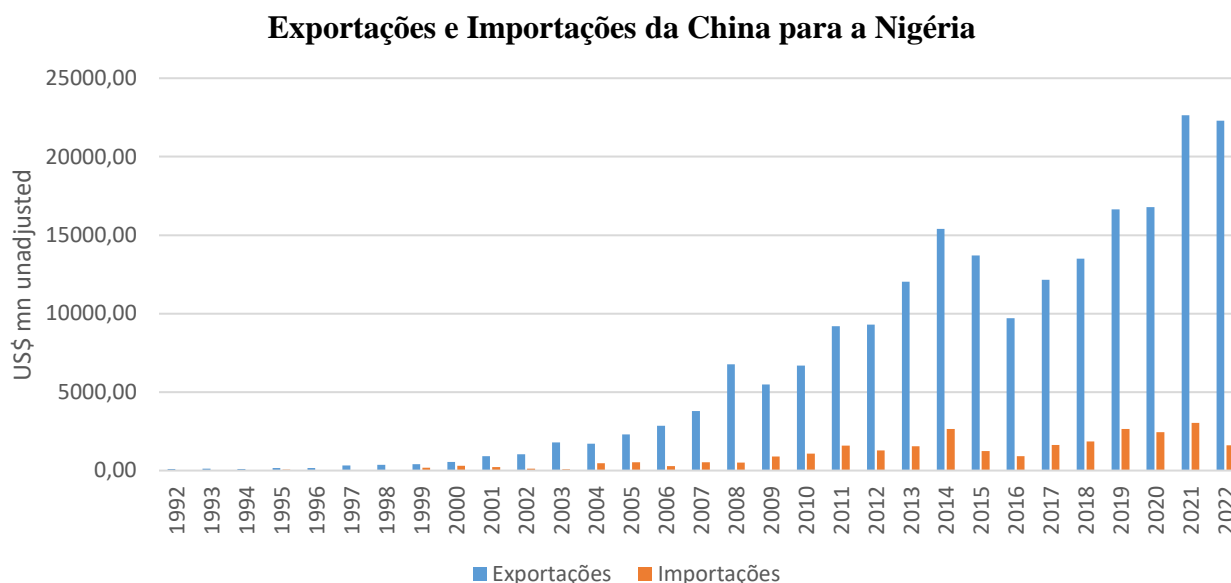


Gráfico 5- Exportações e Importações da China para a Nigéria (1992-2022).

Fonte: Elaborado pela Autora com base nos dados de *Johns Hopkins University SAIS China-Africa Research Initiative*

Para facilitar as relações comerciais, a *China Ocean Shipping Group Company*, a maior empresa de transporte marítimo da China, estabeleceu o seu centro para a África Ocidental em Lagos, em 2010, permitindo o aumento exponencial de comércio bilateral sino-nigeriano. Em 2015, a Nigéria representou 8,3% do volume total de comércio entre a China e África e 42% do volume total de comércio entre a China e os países da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO)<sup>11</sup>. Em 2018, período pré-COVID, o comércio duplicou, alcançando os 15 mil milhões de dólares com as exportações chinesas a representarem 88%. Em 2022, o comércio bilateral estava avaliado em cerca de 24 mil milhões de dólares com as exportações chinesas a rondarem os 93% do total<sup>12</sup>.

A Nigéria e a China têm mantido uma forte relação económica, com a crescente economia da China a exigir mais recursos de matérias-primas da Nigéria. Além disso, a

<sup>11</sup> Tralac, Nigeria-China Business Forum: Speech by President Buhari, in <https://www.tralac.org/news/article/9541-nigeria-china-business-forum-speech-by-president-buhari.html>

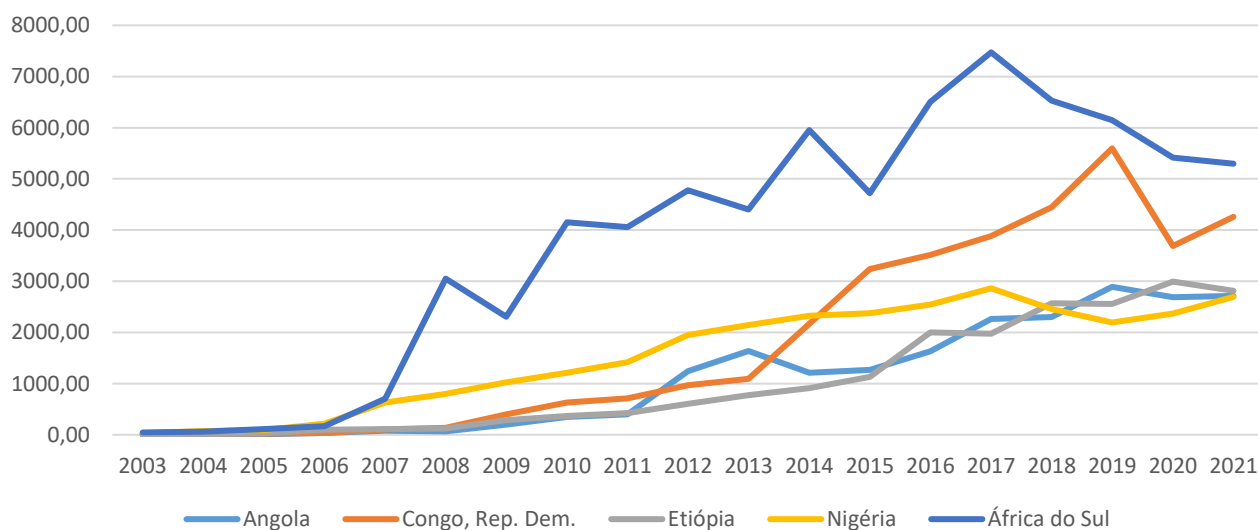
<sup>12</sup> Dados retirados de Johns Hopkins China-Africa Research Initiative (CARI), com fonte em UNComtrade data from 1992-2022, <http://comtrade.un.org/data/> (último update: Agosto, 2023)

China aproveitou a enorme população da Nigéria, estimada em cerca de 218 milhões de pessoas (OEC, 2023), para gerar mercados extraterritoriais para os seus produtos manufaturados (Raji & Ogunrinu, 2018). Os governos de ambos os países mantêm uma relação benéfica, mas existe um grande desequilíbrio comercial a favor da China, uma vez que as exportações chinesas representam cerca de 80% do volume total do comércio bilateral. Esta diferença tem e deve ser reduzida. Das importações chinesas em 2021, segundo o OEC<sup>13</sup>, 87% corresponderam a produtos mineiros, destacando o Petróleo Gás (53,7%) e o Petróleo Bruto (38,6%), ficando avaliado no valor de 2,65 mil milhões de dólares.

### 3.4. INVESTIMENTO DIRETO ESTRANGEIRO DA CHINA NA NIGÉRIA

O investimento chinês na Nigéria tem sido forte, mantendo-se no top 5 há mais de 15 anos, tendo um peso de 2,69 mil milhões de USD em *stocks* de IDE entre 2003 e 2021, num total de *stocks* de IDE (no continente africano) de 44,18 mil milhões de USD<sup>14</sup>.

**Principais destinos de IDE (stock) chinês em África**



**Gráfico 6- Principais destinos de IDE (stock) chinês em África**

Fonte: Elaborado pela Autora com base nos dados de Johns Hopkins University SAIS China-Africa Research Initiative.

<sup>13</sup> OEC (Observatory of Economic Complexity) in <https://oec.world/en/profile/bilateral-country/chn/partner/nga?measureBilateralTradeSelector=vizValueOption1&depthBalanceProductSelector=SectionDepth>

<sup>14</sup> CARI, Johns Hopkins University SAIS China-Africa Research Initiative



Os investimentos chineses concentram-se principalmente na indústria petrolífera, transformadora e de construção, no setor de telecomunicações e nas indústrias agroalimentares. Esta tendência é acompanhada por outros investidores, como o caso do Reino Unido e da França (Anexo 5).

A Nigéria há muito que atrai os investidores devido à sua riqueza em recursos naturais e ao seu espírito empreendedor. No entanto, apesar da significativa atração de projetos de IDE, a instabilidade e a corrupção do país têm impedido oportunidades de investimento, em especial no que diz respeito às fontes de energia renováveis. A resposta do Governo nigeriano aos distúrbios civis e à recente eleição de Bola Tinibu, em maio de 2023, desencadeou uma esperança num futuro economicamente mais seguro. A Nigéria tem potencial para se tornar um ponto de encontro para uma variedade de oportunidades de investimento, incluindo telecomunicações, serviços financeiros, agricultura, educação, maquinaria industrial e sectores da economia azul – setores ligados à vida e recursos renováveis dos oceanos – (Blair, 2023) - mas, em última análise, só o tempo dirá se estes investimentos se concretizarão. O gasoduto Nigéria-Marrocos, recentemente concluído burocraticamente, no valor de 25 mil milhões de dólares e a fábrica de aço de 600 milhões de dólares no Estado de Kaduna são exemplos reais oportunidades financeiras no país (Blair, 2023).

### 3.5. OIL FOR INFRASTRUCTURE (OFI)

A produção doméstica de petróleo da China tem estado em declínio derivado do esgotamento natural e de outros desafios geológicos. Assim, os especialistas estimam que o fornecimento de petróleo bruto na China dependerá até 80% das importações, até 2030<sup>15</sup>.

A China tem vindo a investir na Nigéria devido à grande produção de petróleo e ao défice de infraestruturas do país. Através de negociações, as empresas petrolíferas nacionais chinesas<sup>16</sup> adquiriram participações em vários campos petrolíferos nigerianos. Este investimento foi motivado pela estratégia chinesa "*Going Out*" (plano de ação de Pequim para entrar e navegar no comércio global e no panorama do investimento através

---

<sup>15</sup> Chika Oduah, China Invests \$16 Billion in Nigeria's Oil Sector, in [https://www.voanews.com/a/africa\\_china-invests-16-billion-nigerias-oil-sector/6174771.html](https://www.voanews.com/a/africa_china-invests-16-billion-nigerias-oil-sector/6174771.html)

<sup>16</sup> China National Offshore Oil Corporation (CNOOC), China Petroleum & Chemical Corporation (Sinopec) e China National Petroleum Corporation (CNPC)

das suas empresas estatais) e pela política petrolífera internacional, a fim de assegurar um abastecimento constante de petróleo (Nwoko, 2022). Na última década, a China concluiu e entregou várias componentes de infraestruturas dos acordos de investimento dos OFI, tais como caminhos-de-ferro e aeroportos. A facilidade de adjudicação de projetos aos chineses, principalmente de grandes infraestruturas, deve-se à provável insuficiência de liquidez nigeriana uma vez que a sua dívida externa é significativa, assim, do ponto vista económico os acordos OFI são os mais pertinentes.

Infelizmente, de forma a facilitar algumas transações nesta relação bilateral, para alguns analistas, os investimentos chineses têm vindo a assumir a forma de presentes, como o caso da construção de um Hospital e de uma Universidade de Transportes, que “*podem ser usados como cortinas de fumo para influenciar indevidamente uma decisão sobre os direitos de perfuração de petróleo*”, uma vez que não fazem parte do acordo OFI (Nwoko, 2022) e não foram presentes a concurso. Situações como estas, que levantam suspeitas de suborno e falta de transparência, levaram a que as negociações e os processos de exploração petrolífera às empresas chinesas fossem verificadas, pondo a Nigéria sob investigação ao abrigo da lei da Convenção das Nações Unidas contra a Corrupção, como consequência o acordo OFI acabou por ser “suspense”.

As parcerias entre empresas chinesas e nigerianas desempenham um papel crucial na exploração e produção de petróleo no país, contribuindo com cerca de 16 mil milhões de dólares<sup>17</sup> em investimentos até 2019. A CNOOC, *China National Offshore Oil Corp*, é a maior empresa investidora chinesa na Nigéria onde investe em projetos de produção de petróleo, contribuindo para a produção de petróleo bruto na Nigéria, melhorando, em contrapartida, as infraestruturas aumentando a sua rentabilidade e produtividade para alcançar o número de barris pretendidos, os 3 milhões de barris de petróleo por dia.

### 3.6. AGRICULTURA E GESTÃO AMBIENTAL

O arroz é um alimento básico importante para a Nigéria e as técnicas chinesas de plantação e produção de arroz têm vindo a ser implementadas com sucesso, conseguindo aumentar os níveis de produção, de forma a gerar novos empregos e posteriormente criar rendimentos para os locais. O caso do arroz híbrido, introduzido em 2022, pela *Green*

---

<sup>17</sup> VOA (agosto 2019), *China Invests \$16 Billion in Nigeria's Oil Sector*, in [https://www.voanews.com/a/africa\\_china-invests-16-billion-nigerias-oil-sector/6174771.html](https://www.voanews.com/a/africa_china-invests-16-billion-nigerias-oil-sector/6174771.html)

*Agriculture West Africa Limited*, empresa chinesa, aumentou a produção de arroz entre os 30 a 55%<sup>18</sup>, promovendo um aumento na segurança alimentar. As autoridades agrícolas, os peritos e os agricultores nigerianos ficaram impressionados com os resultados positivos da tecnologia chinesa e com o potencial para mudar positivamente a vida dos produtores locais de arroz, de forma a reduzir as importações referentes a produtos alimentares. Tal pode ajudar a não aumentar a dívida externa e permitir uma melhoria no nível de segurança alimentar nigeriana – um dos grandes problemas atualmente debatidos mundialmente, uma vez que a Nigéria declarou Estado de Emergência por escassez de alimento a 14 de julho de 2023, após a ONU ter projetado em Janeiro do presente ano, que mais de 25 milhões de nigerianos estavam em alto risco de insegurança alimentar.

A China tem tentado ajudar a Nigéria relativamente às suas preocupações com a insegurança alimentar e em 2023 foi iniciado com a CCECC o projeto de Centro de Restauração Ambiental. Este centro procura instruir os locais a melhorar a sua capacidade de gestão ambiental de forma a garantir o desenvolvimento sustentável<sup>19</sup> e a procurar novas alternativas de produção aos agricultores.

### 3.7. TECNOLOGIA E TELECOMUNICAÇÕES

A China tem potencial para desempenhar um papel importante na redução do fosso tecnológico existente na Nigéria. O IDE pode ajudar a facilitar esta transferência de tecnologia e de conhecimentos para a Nigéria, o que é essencial para o crescimento económico e a redução da pobreza. A China e a Huawei investiram fortemente no sector das telecomunicações da Nigéria na primeira década do séc. XXI. A ZTE ganhou um contrato de 400 milhões de dólares em 2010 para um sistema de segurança nacional, enquanto a Huawei ganhou um contrato de 80 milhões de dólares para equipamento de rede GSM em 2004 e um projeto de 40 milhões de dólares em 2010 (Egbula & Zheng, 2011). Segundo a CARI, na última década a China investiu 34 mil milhões de dólares em África, dos quais 1,86\$ mil milhões na Nigéria. Estes IDE permitiram que, em 2022, 51%

---

<sup>18</sup> FOCAC, junho 2022 ([http://www.focac.org/eng/zfgx\\_4/jmhz/202206/t20220613\\_10702243.htm](http://www.focac.org/eng/zfgx_4/jmhz/202206/t20220613_10702243.htm))

<sup>19</sup> China Civil Engineering Construction Corporation, in Notícias da Empresa

da população nigeriana tenha tido acesso à internet, correspondendo a um aumento significativo de 39% quando comparado com 2010<sup>20</sup>.

Apesar do resultado favorável, o governo nigeriano deve tomar medidas para garantir o apoio chinês às tecnológicas e criar um sistema nacional de inovação bem-sucedido para que as desigualdades tecnológicas sejam reduzidas.

### 3.8. DESAFIOS E PERSPETIVAS FUTUROS

O IDE em 2022 representou 20,8% do PIB do país e está concentrado na indústria dos combustíveis fósseis embora o Governo nigeriano tenha tomado medidas para diversificar os investimentos IDE (Blair, 2023). No entanto, devido a fatores como a criminalidade, a corrupção, a agitação civil e a instabilidade geopolítica, a Nigéria não tem dado jus à sua alcunha de “Gigante Africano” uma vez que tem vindo a ter dificuldade em tornar-se no principal destino de IDE em África. É necessário estar ciente que «*a China é amiga da Nigéria na medida em que os seus interesses estão a ser satisfeitos; na medida em que queremos dar-lhes o que eles querem*<sup>21</sup>» (Umejei, 2013). Apesar de todas as adversidades, existem fatores positivos como a demografia, que apesar de viver no limiar da pobreza e numa insegurança alimentar constante, a sua população é jovem e pode traduzir-se numa força de trabalho interessante para mercados investidores. O mesmo acontece com o crescimento exponencial do setor de tecnologia e informação que atrai a abertura de *startups*, impulsionando a inovação e criando emprego com maior valor acrescentado. Relativamente às infraestruturas, apesar de existir controvérsia e especulações face às adjudicações de contratos de infraestruturas (incluindo as de OFI), o desenvolvimento das mesmas permite a melhoria da rede facilitando o transporte de pessoas e mercadorias.

A Nigéria enfrenta muitos desafios, mas acredita-se que com os investimentos apropriados e políticas estratégicas, as suas qualidades podem levar a Nigéria a um futuro promissor. A China tem sido um autor com grande responsabilidade e peso no desenvolvimento e na melhoria das deficiências do país, resta tentar compreender se esta

---

<sup>20</sup> The World Bank, Individuals using the Internet (% of population) - Nigeria

<sup>21</sup>Retirado de: China-Africa Relations: What Lies Beneath?, The Chinese Economy, 49:4, 257-276, DOI: 10.1080/10971475.2016.1179023 – pp. 270

cooperação sino-nigeriana pode ser considerada uma relação *win-win* ou se é apenas uma “cortina de fumo” para a tão famosa “Armadilha da Dívida”.

#### **CAPÍTULO 4 – RELAÇÃO WIN-WIN?**

Uma relação é considerada *win-win* quando as duas partes beneficiam mutuamente através de acordos vantajosos. O conceito baseia-se nas interações económicas onde o ganho de uma não implica a perda de outra. Em negociações comerciais as duas entidades procuram beneficiar mutuamente com parcerias estratégicas ou contratos de fornecimento vantajosos, o mesmo acontecendo em negócios internacionais onde os acordos comerciais devem promover o crescimento económico de forma a beneficiar ambas as economias. É o caso, por exemplo, dos investimentos diretos estrangeiros que, para ser considerada uma relação *win-win*, deve gerar retornos satisfatórios para ambas as partes. É necessário compreender que a procura de relações igualmente positivas para ambos os intervenientes pode promover a cooperação e o desenvolvimento económico sustentável. Alcançar uma relação *win-win* nem sempre é fácil e requer negociação e compreensão das partes envolvidas. Quando é estudada a reciprocidade dos investimentos chineses na Nigéria, temos de ter em conta fatores como a criminalidade financeira e a corrupção, a agitação civil e a instabilidade geopolítica, motivos esses que não têm permitido à Nigéria tornar-se a jóia brilhante da coroa de IDE da África Ocidental.

Uma das acusações há muito negada pela China diz respeito aos seus empréstimos a outros países considerados como “moeda de troca”, isto é, esperam que haja do país devedor uma cedência de controlo de ativos importantes para a estratégia geopolítica chinesa. Como foi referenciado anteriormente, no caso da Nigéria, a China é um interveniente importante nos sectores do petróleo e do gás e tem utilizado as deficientes infraestruturas do país para exercer influência geopolítica, onde os empréstimos da China têm sido utilizados para financiar grandes projetos de infraestruturas, tais como caminhos-de-ferro, centrais elétricas e aeroportos. No entanto, tem havido preocupações de que estes empréstimos possam fazer parte de uma diplomacia de armadilha da dívida, levando a protestos e debates públicos (Abdulrasheed, 2021). Na Nigéria, o Departamento de Gestão da Dívida levantou preocupações sobre o número de empréstimos que estão a ser contraídos e o seu efeito no Produto Interno Bruto. A 31 de março de 2020 o total de empréstimos contraídos pela Nigéria à China era de US \$ 3,121 mil milhões,

representando 3,94% da Dívida Pública Total da Nigéria (79,303 mil milhões de dólares)<sup>22</sup>. Estes empréstimos da China são concessionais, com taxas de juro baixas (2,5%) e longos períodos de reembolso (20 anos com 7 anos de carência), como consta do Anexo 6. Por este facto, estas condições de empréstimo fazem com que “as provisões para o serviço da dívida no orçamento anual sejam inferiores ao que seriam se os empréstimos fossem concedidos em condições comerciais.” (Abdulasheed, 2021). A 31 de dezembro de 2022, a China era o maior credor bilateral da Nigéria: o stock da dívida externa da Nigéria ascendeu aos 4,29 mil milhões de dólares num total de 5,2 mil milhões de dólares<sup>23</sup>, tendo triplicado no espaço de sete anos:

*«O empréstimo total da China aumentou para 4,29 mil milhões de dólares em Dezembro de 2022, contra 1,39 mil milhões de dólares em Junho de 2015, no mês seguinte após Muhammadu Buhari ter tomado posse como Presidente.»<sup>24</sup>*

Pequim conta com a diplomacia da dívida para conseguir cumprir com alguns dos seus objetivos políticos tais como assegurar cadeias de abastecimento de minerais essenciais, construir infraestruturas energéticas, em especial petrolíferas, de forma a garantir os níveis de abastecimento na China e obter apoio de Estados para alcançar os objetivos mãos globais de política externa em organismos multilaterais (Abdulasheed, 2021). A China nega as alegações associadas ao novo imperialismo chinês, insistindo que a mesma está empenhada em ajudar a Nigéria a satisfazer as suas necessidades de desenvolvimento e que não tem qualquer intenção de assumir o controlo do país (Abdulasheed, 2021). Apesar da posição da China, esta situação tem sido motivo de alarme para os cidadãos nigerianos uma vez que a China tem sido o maior credor bilateral da Nigéria desde 2002, com um total de 8 mil milhões de dólares emprestados para financiar projetos em vários sectores. Actualmente, segundo a Global Development Policy Center<sup>25</sup>, dividem-se por 23 empréstimos, 9 no setor de Transportes, 8 no setor Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), 3 em projetos relacionados com Energia, 2 no setor Indústria, Comércio e Serviços e 1 direcionado para Água/Saneamento/Resíduos. Alguns destes empréstimos podem gerar contrapartidas e

---

<sup>22</sup> Debt Management Office Nigeria, in <https://www.dmo.gov.ng/facts-about-chinese-loans-to-nigeria>

<sup>23</sup> Debt Management Office, Federal Ministry of Finance, Government of Nigeria, “Nigeria External Debt Stock”.

<sup>24</sup> Business Day, “Nigeria’s borrowing from China triples to \$4bn under Buhari”

<sup>25</sup> a Global Development Policy Center, in <https://www.bu.edu/gdp/chinese-loans-to-africa-database/>

abusos de poder por parte da China. A corrupção quase endêmica que se considera existir na Nigéria permite que muitos dos golpes sejam “abafados” chegando mesmo a proteger intervenientes de empresas chinesas que têm feito explorações ilegais na Nigéria, como é o caso da exploração ilegal de lítio, por exemplo.

#### 4.1. O CASO DA MINERAÇÃO ILEGAL - CAÇADORES DE LÍTIO

Uma das principais razões da exploração ilegal de lítio é o aumento da procura de baterias de íon de lítio e a sua notável densidade de energia. As suas propriedades diferenciadoras atraí as empresas chinesas a explorar este tipo de matéria. Têm sido identificadas perigosas perfurações e escavações em certos espaços rurais para a extração deste tipo de riqueza mineral, pondo em causa a saúde pública da população e até mesmo a própria segurança, a degradação ambiental, destruindo terrenos aptos para agricultura e consequentemente a segurança alimentar dos cidadãos que dela subsistiam.

Um dos mais recentes exemplos passa-se na zona de Kwara, que tem sofrido uma procura em grande escala por lítio. Segundo a investigação partilhada no *website* Sahara Reporters<sup>26</sup>, centenas de mineiros ilegais estão a escavar o subsolo sem supervisão e sem protocolo de segurança. A investigação, através de diversas abordagens aos cidadãos e em especial aos mineiros, constatou que inúmeras crianças estavam a abandonar a escola para se juntarem à operação, mesmo que com condições de trabalho precárias, alegando que só assim conseguem sobreviver e responder à pobreza extrema. As visitas dos agentes de segurança às explorações tinham uma missão diferente daquela que usualmente nos países ocidentais é norma. Em geral apresentavam-se ativamente envolvidos e queriam receber apenas a sua cota para ignorar a ilegalidade vivida na região de Kwara. Ao longo daquela investigação foi identificada uma poderosa empresa chinesa como um dos maiores compradores e patrocinadores do mineral extraído ilegalmente na região.

Kunlun Construction Limited é uma das empresas chinesas atualmente sob mira, sediada na Nigéria mas composta por uma sociedade 100% chinesa. Esta empresa tem vindo a praticar evasão fiscal de tal forma que em 2018 não pagaram qualquer tipo de imposto ao governo. Kunlun Limited utiliza pequenas lojas locais ao longo da Lade Road

---

<sup>26</sup> Sahara Reporters (Setembro 2023), resumo da investigação em <https://saharareporters.com/2023/09/04/investigation-lithium-hunters-bribery-abuses-deaths-dark-side-nigerias-illegal-mining>

como fachada para as suas transações ilegais de lítio, transacionando-as e transportando-as diretamente para Lagos, onde se localizam alguns dos principais portos de ligação Nigéria-China como é o caso do porto de Leikki que tem sido melhorado ao longo dos anos através de investimentos chineses.

Para lidar com a mineração ilegal, os governos e organizações internacionais implementam frequentemente regulamentações mais rigorosas, aumentam a fiscalização e tentam promover a mineração responsável. A mineração ilegal é um problema massivo na Nigéria mas que tem vindo a tentar ser resolvido. São frequentemente detidos cidadãos chineses com conexão de tais atividades ilegais. No entanto, a corrupção surge como obstáculo e a pressão dos «padrinhos políticos» e das poderosas redes do crime organizado permite que muitos chineses indiciados escapem e não respondam à justiça nigeriana. Este é um dos muitos casos que demonstra como a diplomacia da armadilha da dívida pode funcionar, em que o país credor pode utilizar a sua influência para pressionar o país devedor a agir de acordo com seus interesses, muitas vezes exercendo pressão política e diplomática.

## CONCLUSÃO

A crescente dependência económica da Nigéria em relação à China tem-se desenvolvido de várias maneiras, incluindo investimentos diretos chineses em infraestrutura, comércio bilateral e financiamento de projetos de desenvolvimento. Esta dependência não é unilateral, visto que a China também beneficia da parceria com a Nigéria em termos de acesso a recursos naturais e novos mercados. Apesar de ambas beneficiarem das suas relações diplomáticas, a sua cooperação não deve ser vista como relação *win-win*, quando esta não é igualmente recompensatória, uma vez que não se deve ter em conta apenas os retornos financeiros. O vínculo desequilibrado entre os dois países tem gerado e aumentado a dependência económica da Nigéria com a China, criando insegurança económica. Quando um investimento põe em causa o bem-estar de uma sociedade, a relação não deve ser considerada recíproca. Por exemplo, a dependência das importações provenientes da China, tem vindo a resultar num aumento de desemprego e atrofamento do crescimento económico, uma vez que, por exemplo, os produtos manufaturados nigerianos têm vindo a ser substituídos por produtos chineses produzidos em grande escala, com baixa qualidade mas vendidos a preços muito mais atrativos. A Embaixada da China na Nigéria também tem contribuindo para o enfraquecimento da



segurança económica da Nigéria ao conceder vistos, principalmente a quem pretende importar da China (Raji & Ogunrinu, 2018).

A assimetria na relação bilateral, com a China exercendo maior influência, levanta questões sobre a soberania económica e política da Nigéria. A diplomacia da dívida entre a Nigéria e a China é um tema de crescente importância no cenário internacional. A Nigéria recorreu à China como fonte significativa de financiamento para uma variedade de projetos de infraestruturas e desenvolvimento. Esses empréstimos chineses trouxeram benefícios tangíveis, como a construção de estradas, caminhos-de-ferro e centrais de energia, que podem potencializar o crescimento económico da Nigéria (Blair, 2023). No entanto, também se tornou evidente que a diplomacia da dívida tem implicações significativas para a soberania económica da Nigéria uma vez que o crescente aumento da dívida externa com a China levanta preocupações sobre a capacidade do país de cumprir suas obrigações e manter a sustentabilidade financeira a longo prazo. Além disso, a diplomacia da dívida pode dar à China uma influência política e económica considerável sobre a Nigéria (Abdulrasheed, 2021), o que levanta questões sobre a autonomia e a independência do país nas suas decisões políticas.

Somente com análises contínuas é possível compreender e ajudar a Nigéria a tomar decisões informadas sobre como gerir a sua dependência económica em relação à China no futuro. Mas para que isso seja possível, é imperativo compreender a necessidade de uma transparência nas negociações dos empréstimos e projetos de financiamento, bem como o desenvolvimento de estratégias para diversificar as fontes de financiamento e reduzir os riscos associados à dependência excessiva da China. O governo nigeriano tem de assumir a responsabilidade pela gestão da dívida e garantir que os benefícios dos empréstimos são também eles sentidos pelos seus cidadãos.

## OBRAS CITADAS

- Abdulrasheed, A. (2021). *The Contestation of the Notion of Debt-Trap Diplomacy on Nigeria-China Relations: The Dilemma and Critical Issues*. Thinkers Journal, Vol. 4. Issue 1, 22 páginas.
- Alves, A. (2010). *Os interesses econômicos da China na África*. Boletim de Economia e Política Internacional, pp. 25-31. Retrieved from [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4751/1/BEPI\\_n1\\_interesses.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4751/1/BEPI_n1_interesses.pdf)
- BAD, B. A. (2021, dez 03). *África à procura de uma transição energética justa*. Retrieved from <https://www.afdb.org/pt/noticias-e-eventos/africa-procura-de-uma-transicao-energetica-justa-47312>
- Blair, A. (2023, junho). *The FDI landscape in Nigeria in 2023*. Investment Monitor. Retrieved from <https://www.investmentmonitor.ai/features/fdi-nigeria-investment-africa-oil-gas-diversification/?cf-view&cf-closed>
- Bracho, G., & Grimm, S. (2016). *South-South Cooperation and Fragmentation: A Non-issue? In The Fragmentation of Aid: Concepts, Measurements and Implications for Development Cooperation* (pp. 121-134). Rethinking International Development series. doi:10.1057/978-1-137-55357-7
- Cabana, S. L. (2014). *Cronologia e História da Cooperação Sul-Sul*. Programa Ibero-americano para o Fortalecimento da Cooperação Sul-Sul: <https://www.cooperacionsursur.org/>
- Câmara do Comércio. (2022). *Newsletter Internacional, Nigéria*. Retrieved from Câmara do Comércio: <https://www.ccip.pt/pt/newsletter-internacional/329-nigeria-overview>
- Carneiro, C. (2014). *Os Impactos da Expansão Económica Chinesa e seus Investimentos na República Federal da Nigéria*. Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, Brasil. doi:<http://dx.doi.org/10.21902/Revrima.v1i19.975>
- Egbula, M., & Zheng, Q. (2011). *West African Challenges - China and Nigeria: A Powerful South-South Alliance*. Sahel and West Africa Club Secretariat (SWAC/OECD).
- Fernandes, C. (2020, Março). *A China e África em Ascensão. A Cooperação Energética China-África - Das Energias Fósseis às Energias «Limpas»*, pp. 027-041. doi:<https://doi.org/10.23906/ri2020.65a03>
- Gülseven, Y. (2023). *China's Belt and Road Initiative and South-South Cooperation*. *Journal of Balkan and Near Eastern Studies*, pp. 102-117. doi:10.1080/19448953.2022.2129321
- JIA, Z. (2022, 08 24). *China's help on Africa's supply chain called crucial*. CHINA DAILY. Retrieved from <https://global.chinadaily.com.cn/a/202208/24/WS630561cfa310fd2b29e73da8.html>
- Lopes, B., Nascimento, D., & Vadell, J. (2013). *FOCAC: estratégia econômica e política de cooperação Sul-Sul Sino-Africana*. (A. B. Internacionais, Ed.) 8, pp. 81-99.
- Martín, R. D., Brutto, G. L., & Surasky, J. (2019). *La lucha del Tercer Mundo por el reconocimiento de sus demandas*. In R. Martín, G. Brutto, & J. Surasky, *La Constelación del Sur: Lecturas Histórico-Críticas de la Cooperación Sur-Sur* (pp. 53-60). doi:<https://doi.org/10.22429/EUC2018.086>
- Mendes, C. A. (2010). *A China e a cooperação Sul-Sul*. *Ásia, Segurança e Poder, Relações Internacionais*, 26, pp.39-46, Lisboa. Retrieved from

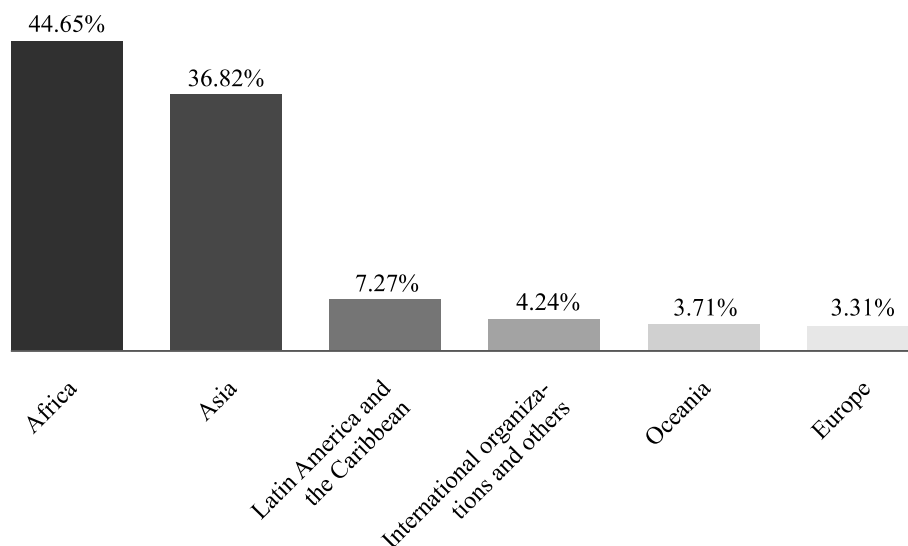
[https://www.researchgate.net/publication/262475575\\_A\\_China\\_e\\_a\\_cooperacao\\_Sul-Sul](https://www.researchgate.net/publication/262475575_A_China_e_a_cooperacao_Sul-Sul)

- Mlambo, C., Kushamba, A., & Simawu, M. (2016). *China-Africa Relations: What Lies Beneath?, The Chinese Economy*. vol.49, issue 4, pp. 257-276  
doi:10.1080/10971475.2016.1179023
- Mthembu-Salter, G. (2009, September). *Elephants, Ants and Superpowers: Nigeria's Relations with China*. (C. i. Project, Ed.) *Ocasional Paper* no 42.
- Muhr, T. (2022). *Reclaiming the politics of South-South cooperation, Globalizations*. (20:3), pp. 347-364. doi:10.1080/14747731.2022.2082132
- Mulaku, N. (2019). *Debt trap diplomacy narrative*. University of Nairobi. Retrieved from [https://www.researchgate.net/publication/334048231\\_Debt\\_trap\\_diplomacy\\_narrative](https://www.researchgate.net/publication/334048231_Debt_trap_diplomacy_narrative)
- Nwoko, N. S. (2022, Maio 2022). *China-Nigeria Oil-for-Infrastructure Deal: Addressing Opacity and Exclusion in the Award of Oil Drilling Rights*. RESEARCH BRIEF N°3/2022.
- OECD. (2023). *Nigeria*. Retrieved from *Observatory of Economic Complexity*: <https://oec.world/en>
- Omolo, L. A. (2023). *Assessing China–Africa Relations under the Forum for China–Africa Cooperation (focac) (2000-2019)*. Belgrade, Serbia: PhD Fellow, Faculty of Political Sciences, University of Belgrade.
- Pautasso, D. (2016). *O Papel da África na Nova Rota da Seda Marítima*. *Revista Brasileira de Estudos Africanos*, pp. 124-136. doi:<https://doi.org/10.22456/2448-3923.67028>
- Raji, S., & Ogunrinu, A. (2018). *Investimento Chinês e Suas Consequências para a Segurança Econômica Nigeriana*. In *Revista Brasileira de Estudos Africanos* (Vol. 3, pp. 129-150). Porto Alegre.
- Rysdyk, J. (2010). *A Política Externa Chinesa para África: uma análise dos casos do Sudão e da Nigéria*. Dissertação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência Política., Porto Alegre. Retrieved from <http://hdl.handle.net/10183/28769>
- Santiago, C. E. (2013). *Relatório De Desenvolvimento Humano 2013 - A Ascensão do Sul: Progresso Humano num Mundo Diversificado*. In *Revista Perspectivas do Desenvolvimento - Um enfoque multidimensional* (pp. 202-206). *Revista Perspectivas do Desenvolvimento Um enfoque multidimensional RPD, 20131ª Edição, N° 1*  
RESENHA Relatório De Desenvolvimento Humano 2013 - A Ascensão do Sul: Progresso Humano num Mundo Diversificado Carlos Eduardo Pinto Santiago1Desde 1990,. Retrieved from <https://periodicos.unb.br/index.php/perspectivasdodesenvolvimento/article/view/14382/12694>
- Zeng, D. Z. (2015). *Global Experiences with Special Economic Zones - With a Focus on China and Africa*. Trade and Competitiveness Global Practice. The World Bank.  
doi:<https://doi.org/10.1596/1813-9450-7240>

## ANEXOS

### Anexo 1- Distribuição da Ajuda Externa da China por Região, 2013-2018

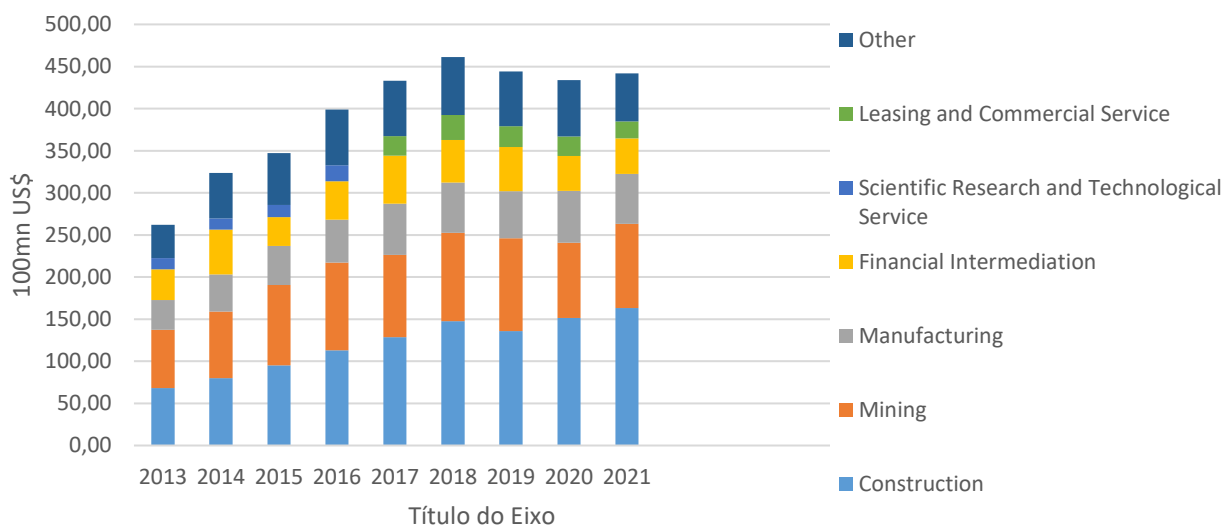
Fonte: «China's International Development Cooperation in the New Era», em *The State Council Information Office of the People's Republic of China*, January 2021



### Anexo 2- Stock de IDE Chinês para África no Final do Ano.

Fonte: Elaborado pela Autora, com base em Johns Hopkins University SAIS China-Africa Research Initiative - China Statistical Yearbook: "Overseas Direct Investment by Countries or Regions", various years. Statistical Bulletin of China's Outward Foreign Direct Investment, various years. <http://fec.mofcom.gov.cn/article/tjsj/tjgb/>

#### Stock de IDE Chinês para África no Final do Ano



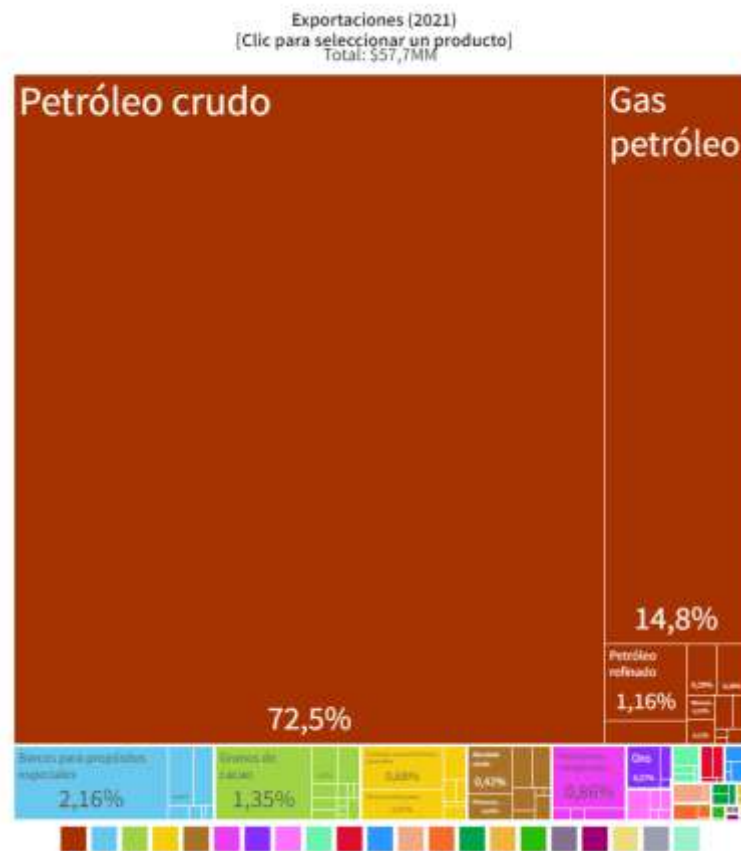
### Anexo 3- A conquista do comércio africano pela China

Fonte: Statista, in <https://www.statista.com/chart/26668/main-import-countries-sources-africa/>



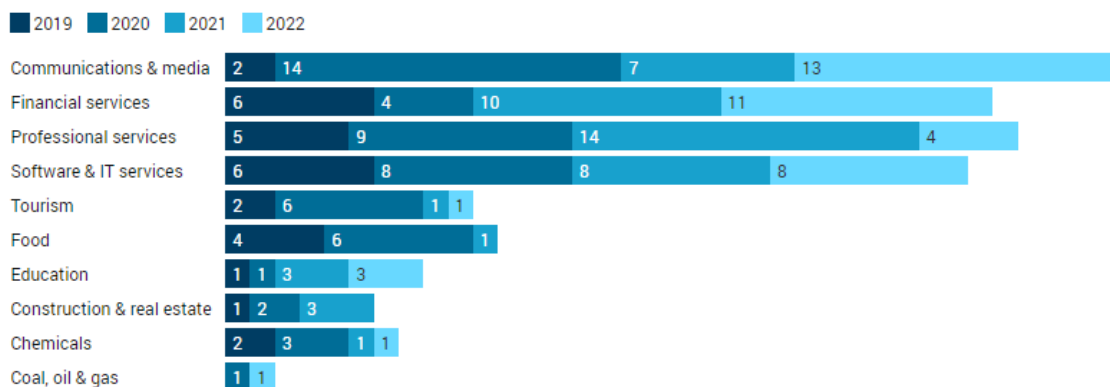
### Anexo 4- Exportações Nigéria em 2021 por produto

Fonte: <https://oec.world/en/profile/country/nga> , observado em setembro 2023



### Anexo 5- Projetos de IDE na Nigéria por sector (2019-2022)

Fonte: Alex Blair, «The FDI landscape in Nigeria in 2023», in Monitor Investment  
<https://www.investmentmonitor.ai/features/fdi-nigeria-investment-africa-oil-gas-diversification/?cf-view&cf-closed>



**Anexo 6- Situação dos empréstimos obtidos à China Exim até 31 de março de 2020**



DEBT MANAGEMENT OFFICE  
 NIGERIA

STATUS OF LOANS OBTAINED FROM CHINA EXIM AS AT MARCH 31, 2020  
 AMOUNTS IN MILLIONS OF USD

S/N	Project Description	Loan Amount	Agreement Date	Terms and Conditions				Amount Disbursed		Payment		Amount Outstanding
				Interest Rate (p.a.)	Grace Period	Maturity Date	Tenor	Amount	Percentage	Principal	Interest	
1	Nigerian National Public Security Communication system Project	399.50	20-Dec-10	2.50%	7 Years	21-Sep-30	20 Years	399.50	100.00%	76.83	84.92	322.67
2	Nigerian Railway Modernization Project (Idia- Kaduna section)	500.00	20-Dec-10	2.50%	7 Years	21-Sep-30	20 Years	500.00	100.00%	96.15	74.52	403.85
3	Abuja Light Rail Project	500.00	7-Nov-12	2.50%	7 years	21-Sep-32	20 years	500.00	100.00%	19.23	60.63	480.77
4	Nigerian ICT Infrastructure Backbone Project	100.00	5-Jan-13	2.50%	7 years	21-Sep-32	20 years	100.00	100.00%	0.00	9.38	100.00
5	Nigerian Four Airport Terminal Expansion Project (Abuja, Kano, Lagos & Port Hacoort)	500.00	10-Jul-13	2.50%	7 years	21-Sep-34	20 years	455.28	91.06%	0.00	40.58	455.28
6	Nigerian Zungeru Hydroelectric Power Project	984.32	28-Sep-13	2.50%	7 years	21-Sep-33	20 years	518.24	52.65%	0.00	19.28	518.24
7	Nigerian 40 Parboiled Rice Processing Plants Project (Fed. Min. of Agric. & Rural Dev.)	325.67	26-Apr-16	2.50%	7 years	21-Mar-36	20 years	0.00	0.00%	0.00	0.00	0.00
8	Nigerian Railway Modernization Project (Lagos - Ibadan section)	1,267.32	18-Aug-17	2.50%	7 years	21-Sep-37	20 years	759.84	59.96%	0.00	19.11	759.84
9	Nigeria Rehabilitation and Upgrading of Abuja - Keffi - Markudfi Road Project	460.82	18-Aug-17	2.50%	7 years	21-Sep-37	20 years	80.64	17.50%	0.00	1.84	80.64
10	Nigeria Supply of Rolling Stocks and Depot Equipment for Abuja Light Rail Project	157.00	29-May-18	2.50%	7 years	21-Mar-38	20 years	0.00	0.00%	0.00	0.00	0.00
11	Nigeria Greater Abuja Water Supply Project	381.09	29-May-18	2.50%	7 years	21-Mar-38	20 years	0.00	0.00%	0.00	0.00	0.00
<b>Total</b>								<b>3,313.50</b>		<b>192.21</b>	<b>269.68</b>	<b>3,121.29</b>

Source: Debt Management Office

18/6/2020